

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**ISABELA TULIO ALVES
MARCELA AMORIM ALMEIDA
PAMELA VITÓRIA SANTOS
BARBOSA**

VALA DE PERUS, HISTÓRIAS SILENCIADAS

**CAMPINAS
2023**

Isabela Tulio Alves

Marcela Amorim Almeida

Pamela Vitória Santos

Barbosa

VALA DE PERUS, HISTÓRIAS SILENCIADAS

Projeto da Produção Jornalística apresentado à disciplina ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo, da Escola de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Dra. Rosemary Bars Mendez.

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

070
A474v

Alves, Isabela Tulio

Vala de Perus: histórias silenciadas / Isabela Tulio Alves, Marcela Amorim Almeida, Pamela Vitória Santos Barbosa. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

90 f.: il.

Orientador: Rosemary Bars.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Jornalismo. 2. Ditadura Militar - Desaparecidos. 3. Vala de Perus - Multimídia. I. Almeida, Marcela Amorim. II. Barbosa, Pamela Vitória Santos. III. Bars, Rosemary. IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título

23. ed. CDD 070

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	5
CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA MODALIDADE	7
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E RECORTE JORNALÍSTICO	7
1.2. MODALIDADE.	8
1.3. JUSTIFICATIVA.	10
1.4. PROCESSO DE APURAÇÃO...	12
1.5. SELEÇÃO DE FONTES E PAUTAS...	15
CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.	18
2.1. DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO.	18
2.2. PROCESSO DE EDIÇÃO.	19
2.3. PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO.	26
2.4. CUSTOS E GASTOS.	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	29
ANEXOS.	30

INTRODUÇÃO

A Vala de Perus é uma vala clandestina que foi descoberta no Cemitério Dom Bosco, localizado no bairro periférico de Perus, na Zona Noroeste de São Paulo. Antônio Eustáquio, popularmente conhecido por “Toninho”, era administrador do Cemitério Dom Bosco na década de 90, e ao olhar os registros desconfiou de que havia algo errado, já que cerca de 1.500 ossadas não constavam o registro de exumação. A partir disso, ele começou a investigar e levou a possível localização dessas ossadas para o jornalista Caco Barcellos e para Luiza Erundina, Prefeita da cidade de São Paulo até 1992. No dia 4 de setembro de 1990 a vala clandestina de Perus foi aberta, e mostrou para o mundo 1.500 ossadas, sendo em média 451 de crianças que foram mortas pela epidemia de meningite e 1.049 de adultos que foram perseguidos, torturados e mortos pelo regime.

No dia 4 de setembro de 2023, houve um encontro na Câmara Municipal de São Paulo em memória aos 33 anos de descoberta da Vala de Perus, que foi promovido pela Vereadora e Presidente da Comissão de Direitos Humanos de São Paulo e Cidadania, Luna Zarattini. A partir desse encontro, onde muito foi conversado e discutido com pessoas que representam a luta contra os crimes cometidos durante a Ditadura Militar, como Tereza Lajolo e Maria Amélia Teles, ficou nítido o quanto a demora na análise dessas ossadas afetou os familiares que até hoje aguardam a identificação de seus entes queridos que desapareceram na Ditadura.

Nesse cenário, documentários e reportagens já foram feitos sobre o caso, porém o andamento dessas análises não teve tantas atualizações, já que em 33 anos só foram identificadas 5 pessoas. No entanto, devido a uma das integrantes ser residente do bairro de Perus e só ter descoberto sobre a vala clandestina em uma aula na faculdade, além de contextualizar sobre o assunto, com a história, atualizações e informações sobre os identificados, também buscamos trazer um contato com os moradores da região que estão envolvidos em ações referentes à Vala de Perus e também trazer uma humanização, alcançando ela com depoimentos de alguns dos familiares dos identificados, assim esses identificados não foram tratados apenas como “ossadas” e sim como as pessoas.

Nosso objetivo com este trabalho, é criar um site com reportagens multimídias em formato longform, que denominamos como Vala de Perus (<https://www.valadeperus.com.br/>), que possa servir de referência sobre a Vala de

Perus, disponibilizando informações gerais, históricas, científicas e trazendo o ponto de vista de familiares, moradores e de pessoas que foram personagens importantes em sua descoberta. Para isso, o site foi estruturado em formato multimídia, em texto, vídeo e áudio, buscando fornecer informações claras, essenciais, e humanizando as 1.049 vítimas da Ditadura Militar. O objetivo é contribuir para o conhecimento dos crimes cometidos pelo governo na época e não deixar com que isso caia no esquecimento.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA MODALIDADE

1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico

A Vala de Perus refere-se a um episódio sombrio da história brasileira relacionado aos anos da Ditadura Militar (1964-1985). O nome está associado a uma vala comum descoberta no Cemitério Dom Bosco, em Perus, bairro periférico, zona Noroeste, da cidade de São Paulo, em 1990.

Durante o Regime Militar várias pessoas foram perseguidas, presas, torturadas e, em alguns casos, mortas pelo governo devido à sua oposição política. Muitos desses indivíduos, segundo o portal Memórias da Ditadura¹, eram considerados subversivos ou inimigos do Estado, sem direito a um julgamento justo.

A Vala de Perus foi descoberta quando ativistas de direitos humanos, familiares de desaparecidos políticos e pesquisadores começaram a investigar o paradeiro de pessoas que haviam desaparecido durante a Ditadura Militar. A vala continha os restos mortais de diversas vítimas, que tiveram seus corpos jogados após morrerem pela violência sofrida nas prisões militares e também vítimas da epidemia de meningite, crianças tiradas de suas famílias para que a sociedade não soubesse das mortes com a doença que afligia o país, de acordo com reportagem do portal UOL (2020)².

Essa descoberta trouxe à tona não apenas a brutalidade do Regime Militar, mas também a falta de transparência e responsabilidade pelos abusos cometidos durante esse período, que foram escondidos pelos militares. Os corpos encontrados na Vala de Perus foram exumados e, por meio de análises forenses, tentou-se identificar as vítimas e determinar as circunstâncias de suas mortes. De acordo com o CAAF (Centro de Antropologia e Arqueologia Forense), da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), as ossadas continham detalhes específicos, como dentes de ouro e marcas evidentes de tortura, que não eram compatíveis com as

¹ Disponível em: <https://memoriasdeditadura.org.br/>. Acesso em 12 out. 2023.

² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/11/30/vala-de-perus-caco-barcellos.htm>. Acesso em: 12 out. 2023

características de corpos indigentes. A partir disso, as análises comprovaram que aquela parte do cemitério havia sido usada clandestinamente por agentes do Estado durante a Ditadura Militar.

Isso contribuiu para a revisão histórica do período da Ditadura Militar no Brasil e para o esforço contínuo na busca da verdade, justiça e reparação para as vítimas e suas famílias. Para marcar os 33 anos da descoberta da vala clandestina que continha em torno de 1.500 ossadas, sendo em torno 451 de crianças que sofreram com a epidemia da meningite e 1.049 vítimas do período ditatorial, a Câmara Municipal de São Paulo realizou no dia 4 de setembro, um ato em memória dos desaparecidos e mortos durante a Ditadura Militar, instaurada pelo golpe militar em 1964. Segundo o Instituto Vladimir Herzog³, em seu site dedicado a contar a história da Vala de Perus, essas pessoas foram enterradas como indigentes, mas a maioria tinha ficha contendo nome e filiação. O Instituto Vladimir Herzog também publicou o livro “Vala de Perus: um crime não encerrado da ditadura militar”.

O objetivo do trabalho (<https://valadeperus.com.br/>) é persistir na luta da Vala de Perus, desafiando a percepção equivocada de que o tempo decorrido desde os acontecimentos da Ditadura Militar encerrou essa busca por justiça e verdade. A passagem do tempo não diminui a importância de esclarecer os eventos obscuros desse período. Com isso, o grupo quer enfatizar essa batalha em prol da memória, da verdade histórica e da justiça, assegurando que as vítimas e suas famílias não sejam esquecidas e que a devida responsabilização pelos abusos cometidos durante a ditadura seja uma realidade.

O nome escolhido para o Projeto Experimental foi “Vala de Perus, histórias silenciadas”. De início, em conversa com a orientadora Rosemary Bars durante orientação, foi escolhido um outro título, que era “Vala de Perus, uma história silenciada”, por não haver informações atualizadas sobre as análises e investigações. Quando a docente compartilhou a decisão do nosso título para os professores do curso de jornalismo, Artur Vanconcellos Araújo e Juliana Sangion Antonelli, eles sugeriram que, ao contrário de deixar no singular, o título fosse mudado para ficar no plural, ou seja “Vala de Perus,

³ Disponível em: <https://vladimirherzog.org/>. Acesso em: 12 out. 2023.

histórias silenciadas”. A explicação deles para a sugestão é que não é apenas uma história, é um conjunto de histórias: a história da vala clandestina, história dos militares e de cada pessoa morta. A partir dessa sugestão foi definido efetivamente o nome do projeto.

1.2. Modalidade

A modalidade escolhida é o ciberjornalismo, impulsionada pela incorporação de recursos multimídia, interatividade e instantaneidade. O gênero apresentado é a reportagem multimídia, um dos formatos mais inovadores do jornalismo, por destacar-se por particularidades, como a inclusão de elementos audiovisuais que tornam a leitura uma experiência mais envolvente para o público. Segundo Raquel Longhi (2014), o jornalismo multimídia tem “produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimídia, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital” (Longhi, 2014, p. 901).

Visto que a maioria dos materiais que estão disponíveis na mídia sobre a Vala de Perus são documentários, reportagens especiais e matérias, a proposta do grupo foi abordar de uma maneira mais imersiva e multimidiática e interativa o tema da Vala de Perus, através de um site com reportagens no modelo longform.

Como diz Ventura e Ito (2016, p. 142), “a intersecção entre audiência digital, inovação e novos formatos jornalísticos envolve elementos que, unidos, refletem o foco crescente dos grandes grupos de mídia nas publicações para a internet”. Com isso, é possível entender que o multimídia permite que o jornalista conte uma história de maneira mais rica e envolvente e que o público interaja com a história de novas formas, como infográficos e mapas interativos, que permitem o leitor explorar uma história em diferentes linguagens.

Um exemplo de reportagem multimídia que se tornou referência é o *Snow Fall*⁴, produzida pelo The New York, tendo como diferencial ser *one page*, caracterizado por uma reportagem com concentração de informações em uma página, permitindo ao internauta navegar com facilidade, de maneira dinâmica e com agilidade, além de que, ter apenas uma página, faz com que o site tenha maior

⁴ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>>

velocidade de carregamento. Tem ainda a característica de um design moderno, onde ele funciona tanto para computadores como para dispositivos móveis.

As cores usadas nesse trabalho foram referenciadas a partir da criação do logotipo, definidas as cores vermelho, preto e branco. Segundo Carlota Silva “cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou fantástica, nobre ou vulgar” (2022, p. 13). Nesse caso, o vermelho foi usado no sentido nobre, pela Vala de Perus ser um caso honroso e que precisa ser tratado com respeito pela memória dos desaparecidos.

O vermelho é cor primária, representa um sinal de alerta, sendo a “cor do fogo e do sangue, ligada ao princípio da vida”. Portanto, a intenção do vermelho nas artes teve como princípio chamar a atenção dos leitores, indicar que as ossadas já tiveram vida e devem ter o respeito pelo sujeito histórico que representaram, pelas suas famílias e pelo mérito de terem suas memórias referenciadas junto à sociedade.

Carlota Silva também pontua que “muitas marcas combinarão o vermelho com cores mais suaves como o branco ou amarelo para suscitar sensação de excitação sem arriscar a percepção” (2022, p.14). Sendo assim, a combinação com o preto e branco ameniza a sensação de excitação, que a predominância do vermelho propõe. “Quando se usa branco no seu logótipo ou em material de marketing, transmite-se transparência aos consumidores, como se não tivessem nada a esconder” (Silva, 2022, p.15).

Sassala (2106) reflete, porém, que o preto estaria ligado à morte, tristeza, solidão, definição que justifica seu uso neste trabalho, enquanto o branco estaria ligado à cor da paz. A combinação dessas cores neste trabalho, portanto remetem ao sinal de alerta para as vítimas violentadas e mortas pelos militares e a busca por justiça representa a paz que as famílias buscam.

1.3. Justificativa

Segundo levantamento da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos da SEDH-PR (Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República) no mínimo 50 mil pessoas foram presas somente nos primeiros meses da Ditadura Militar, enquanto cerca de 20 mil brasileiros passaram por sessões de tortura. No Brasil, conforme a Comissão Nacional da Verdade⁵, 191 brasileiros que resistiram

⁵ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da

à ditadura foram mortos, 210 estão desaparecidos e foram localizados apenas 33 corpos, totalizando 434 militantes mortos e desaparecidos. A investigação feita pela Comissão indicou 337 agentes ligados aos órgãos de repressão do governo militar, responsáveis pelas torturas e assassinatos.

Esse ano, dia 4 de setembro, completou-se 33 anos da abertura da Vala de Perus, que acobertou por mais de 50 anos os corpos de aproximadamente 1.500 pessoas e também de crianças que morreram com meningite. A fim de pedir a revisão histórica desse episódio, a vereador Luna Zarattini (PT) organizou um ato em memória dos desaparecidos e mortos políticos na Câmara Municipal de São Paulo.

O evento reuniu familiares de desaparecidos políticos, especialistas, ativistas e pessoas que tiveram papel fundamental na luta contra a Ditadura Militar e na descoberta da Vala de Perus, reforçando a importância histórica do tema escolhido para este projeto experimental no início de 2023. Dentre os convidados principais estavam:

- Antônio Eustáquio (Toninho): ex-administrador do Cemitério Dom Bosco e responsável pela descoberta da vala;
- Tereza Lajolo: ex-vereadora na Câmara Municipal de São Paulo e foi a relatora da CPI de Perus;
- Maria Amélia Teles (Amelinha Teles): foi militante do Partido Comunista do Brasil contra a Ditadura Militar e é integrante da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos;
- Laura Petit: foi militante no movimento estudantil durante a Ditadura Militar e lutou na busca pelos restos mortais de sua irmã;
- Carla Oslo: representante do CAAF (Centro de Antropologia e Arqueologia Forense), da Unifesp;
- Camilo Vannuchi: jornalista, professor e escritor do livro “Vala de Perus, uma biografia”;
- Maurice Politi: ex-presos político da ditadura e diretor do Núcleo Memória;
- Renata Mie: Diretora de Educação em Direitos Humanos na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo;
- Cleiton Ferreira (Fofão): Morador e ativista do bairro de Perus.

A ideia de buscar informações sobre a Vala de Perus nasceu da curiosidade

jornalística em obter informações atualizadas sobre as investigações das identidades das vítimas de Perus, três décadas depois da descoberta da vala clandestina. As análises dessas ossadas continuam em um processo lento e quando revelada para a sociedade, em 4 de setembro de 1990, houve então o envolvimento da Unicamp, que conseguiu identificar e nomear dois mortos, dos 1.049, que foram Dênis Casemiro e Frederico Mayr. Os identificados em ordem foram Dênis Casemiro, identificado em 1991; Frederico Eduardo Mayr, identificado em 1992; Flávio Carvalho Molina, identificado em 2005; Dimas Antônio Casemiro, identificado em 2018; e Aluísio Palhano Pedreira Ferreira, também identificado em 2018.

Segundo o CAAF (Centro de Antropologia e Arqueologia Forense) da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), que desde 2014 é responsável pela análise dessas ossadas, os restos mortais das vítimas da ditadura ficaram armazenados inadequadamente por anos na Unicamp, o que dificulta o trabalho de reconhecimento que hoje realizam.

Este trabalho visa recuperar e atualizar essas informações e tornar-se uma referência, principalmente entre os jovens estudantes. A Vala de Perus nem sempre é foco nas aulas de história do Brasil, pois o enfoque geralmente se dá pela amplitude do tema e não pela especificidade das ações dos militares. Uma das integrantes do grupo, Marcela Amorim Almeida nasceu e cresceu em Perus e somente na Faculdade de Jornalismo, na Universidade PUC-Campinas, estudou esse fato histórico.

A opção pela reportagem multimídia também teve como público-alvo e propósito, atender inicialmente, os estudantes, mas também moradores de Perus e outras pessoas que tenham interesse sobre os acontecimentos que envolvem a Vala de Perus.

1.4. Processo de apuração

O processo de pesquisa para organizar a pauta inicial desse trabalho começou em dois livros para apuração e entendimento inicial sobre a Vala de Perus, foram eles: “Vala de Perus, uma biografia”, escrito pelo jornalista Camilo Vannuchi, e o livro de Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, da PUC-Campinas, escrito pelas alunas Kátia Almeida, Priscila Gonçalves e Rogéria Takata, chamado “Grito calado da luta armada de Perus”. Baseado nisso, foi iniciada uma busca no Google, com notícias sobre o processo de análises das ossadas, publicações na revista *Época*,

no site da Unicamp e fontes institucionais que publicaram informações sobre as ossadas. Entre os sites pesquisados estão Memórias da Ditadura (<https://memoriasdaditadura.org.br/>), Grupo de Trabalho Perus⁶ (<https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/projetos/grupo-de-trabalho-perus>), o portal da Unifesp (<https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/>), Câmara Municipal de São Paulo (<https://www.saopaulo.sp.leg.br/>), Comissão Nacional da Verdade (<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>) e o documentário Vala Comum (<https://www.youtube.com/watch?v=4eH9RwDIIV0>), do diretor João Godoy.

Ressalta-se que o portal Memórias da Ditadura colaborou com dados históricos sobre as repressões políticas da época, como informações sobre a Vala de Perus, o que possibilitou uma rica referência para mapear os acontecimentos envolvendo as ossadas, como a sua descoberta, os locais por onde passaram, as análises realizadas pelos peritos da Unicamp, a permanência no Cemitério do Araçá até irem para o CAAF da Unifesp. Outro suporte histórico foi o livro escrito por Camilo Vannuci, “Vala de Perus, uma biografia”, que forneceu também uma gama de informações sobre o início da abertura dessa vala clandestina e os processos de identificação e depoimentos dos familiares dos que foram identificados. O site da Comissão Nacional da Verdade também forneceu documentos que estão reproduzidos na reportagem multimídia elaborada para esse trabalho, como certidões de óbitos e laudos médicos, um material que está disponível para a população.

A partir das informações recolhidas com essa apuração, o grupo elaborou as pré-pautas, avaliadas pela banca de qualificação e pela professora orientadora do projeto. Nesse período, também ficou determinada a linguagem multimídia, com a produção de textos, vídeos, áudios e imagens. A partir disso, chegamos às seguintes pautas:

- “Códigos registram a história de 1.049 ossadas sem nome”: Aborda sobre o Centro de Análise de Antropologia Forense (CAAF) da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), que abriga caixas contendo as 1.049 ossadas de vítimas da Ditadura Militar que foram encontradas na vala clandestina dentro do Cemitério Dom Bosco.

- “33 anos da descoberta de um passado sombrio”: Introdução sobre a abertura da Vala de Perus até o estágio atual em que se encontram os processos de

⁶ Grupo que realiza as análises das ossadas no Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) da Unifesp

identificação, com contextualização e abordagem geral, onde de 1.500 ossadas encontradas foram separadas quase 500 que eram de crianças vítimas da epidemia de meningite que o governo ocultou. Dentre as demais ossadas estavam militantes políticos e vítimas da violência da polícia militar de São Paulo, entre jovens, estudantes e negros.

- “Toninho: o homem que deu início à descoberta da Vala de Perus”: Parte dedicada à entrevista com Antônio Pires Eustáquio, conhecido como Toninho, ele é ex-administrador do Cemitério Dom Bosco, e foi o responsável pela descoberta da localização da vala clandestina.

- “José Carlos Coelho: uma testemunha da Vala de Perus”: José Carlos Coelho, morador de Perus desde 1968, trabalhou no Cemitério Dom Bosco e acompanhou a abertura da Vala de Perus para que fossem colocadas as ossadas, ele compartilha como foi essa experiência e o seu ponto de vista como morador da região.

- “Por que Perus?”: Informações sobre o bairro de Perus na década de 70, como número de habitantes e o desenvolvimento do bairro periférico que fica a 20 quilômetro da capital paulista.

- “Narrativas de resistência pela memória da Vala”: Abordagem sobre a luta da comunidade de Perus e de movimentos políticos que acontecem pelos 33 anos da abertura da Vala de Perus e também pela identificação das 1.049 ossadas.

- “Somente cinco ossadas foram identificadas”: Informações sobre os cinco homens que foram identificados e seus dados fornecidos pela Comissão Nacional da Verdade. Também contém relatos de familiares de 3 identificados onde eles compartilham sobre a vida familiar e o processo de análise até o momento de certeza da identificação.

- “Deputada defende ‘revelar a verdade’”: Entrevista Ping-Pong com a Deputada Luiza Erundina, ela exercia o seu mandato de prefeita na década de 90 quando foi descoberta a vala no Cemitério Dom Bosco e também participou ativamente na luta pela identificação dessas ossadas.

1.5. Seleção de fontes e pautas

Para a elaboração das reportagens, as fontes foram os moradores da comunidade de Perus, familiares dos identificados, ex-funcionários do

Cemitério Dom Bosco, políticos que têm ligação com a Vala de Perus e o grupo que analisa as ossadas para a sua identificação.

Dos cinco identificados, foi realizada entrevista via internet apenas com um familiar, pois, segundo ele, não se sente mais confortável em falar sobre o ocorrido. O mesmo teve dois familiares jogados na Vala de Perus. O objetivo era falar com todos os familiares, para trazer o lado humanizado da história. Todas as entrevistas com os parentes foram via internet, pois todos são de cidades e, até mesmo, países distantes.

Foram entrevistados dois ex-funcionários do Cemitério Dom Bosco para coletar seus depoimentos, pois os dois trabalhavam no local na época. O contato foi possível com a ajuda do pai da integrante Marcela, que conhece os mesmos. Além deles, fomos até o bairro de Perus para entrevistas alguns moradores do bairro de Perus que presenciaram o acontecimento, além de participarem da comunidade da Igreja Santa Rosa de Lima, em Perus, que organiza a memória dos mortos que estavam na vala nas missas de finados, que acontecem dentro do cemitério. Conseguimos esses contatos com o auxílio do padre Luciano Andreol, que a integrante Marcela conhece.

Trazendo fontes políticas, tentamos contato com o Eduardo Suplicy, que organizou a CPI da Vala na época, mas não obtivemos sucesso. A assessoria de imprensa retornou informando que sua agenda estava fechada. Além disso, na mesma semana do contato, foi divulgado que o mesmo estava com um problema de saúde. Já no contato com a Luiza Erundina, obtivemos a resposta que ela não dá mais entrevistas acadêmicas, porém, por conta da relevância do tema para a sociedade e para ela, ela abriu uma exceção. A mesma veio de Brasília para a entrevista em sua casa, na zona sul de São Paulo.

Entrevistados de acordo com as matérias produzidas:

- **Códigos registram a história de 1.049 ossadas sem nome:**
 - Aline Oliveira: coordenadora do CAAF, formada em Ciências Sociais, mestra em arqueologia e especialização em antropologia forense e direitos humanos. Começou a trabalhar com o contexto da Vala de Perus em 2014,

quando o projeto se iniciou. Atuou até 2017, se ausentou por dois anos e retornou em 2019 como servidora da Unifesp.

- Denise Rabelo: cirurgião dentista, especialista e mestra em odontologia legal, doutora em antropologia forense e saúde coletiva, especialista em antropologia forense e direitos humanos. Começou a trabalhar no CAAF como voluntária em 2017, em 2022 iniciou como perita antropóloga.

- Talita Máximo: cirurgião dentista, especialista e mestra em odontologia legal, doutora em anatomia humana com ênfase em antropologia forense. Iniciou o trabalho no CAAF como voluntária em 2015, em 2017 se tornou perita antropóloga forense.

- **33 anos da descoberta de um passado sombrio:**

- Antônio Pires Eustáquio: ex-administrador do Cemitério Dom Bosco, em Perus. Foi o responsável pela localização da Vala de Perus. Ele que informou para o jornalista Caco Barcelos da existência da vala.

- José Carlos Coelho: morador de Perus desde 1968. Trabalhou na administração do Cemitério Dom Bosco por 38 anos, que coincidiu com o fato da vala.

- **Deputada defende ‘revelar a verdade’:**

- Luiza Erundina: prefeita de São Paulo na época da abertura da Vala. Erundina foi responsável por iniciar os trabalhos de análises na Unicamp. É filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e atualmente é deputada federal pelo estado de São Paulo.

- **Somente cinco ossadas foram identificadas:**

- Clarisse Mantuano: sobrinha de Aluísio Palhano. Junto com a mãe de Aluísio, foram até Perus para ver a Vala e lutar para a identificação de seu parente. Clarisse é documentarista, produtora, jornalista e diretora artística e cultural.

- Fabiano Casemiro: filho de Dimas Casemiro e sobrinho de Dênis Casemiro. Fabiano não quis participar da entrevista on-line e nem presencial, pois não quer mais falar do ocorrido. Porém conversarmos via mensagem.
- Gilberto Molina: irmão de Frederico Molina. Presenciou a luta de seu irmão contra a ditadura. Vivenciou de perto a luta dos familiares para a identificação de seus parentes. O mesmo é ex-integrante do movimento Tortura Nunca Mais.
- Luiz Mayr: irmão de Frederico Mayr. Ele presenciou as reuniões que seu irmão realizava com seus amigos da ANL (Aliança Nacional Libertadora).
- **Narrativas de resistência pela memória da vala:**
 - Célia Aparecida Leme: nascida e criada em Perus, presenciou a abertura da Vala de Perus. Célia luta pela memória da vala.
 - Luna Zarattini: advogada e cientista social. É a vereadora mais nova, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, ela é presidente da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos (CCDH). Luta pela história da Vala de Perus pois o seu avô, Ricardo Zarattini, foi um dos militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) e preso durante a Ditadura Militar.
 - Orlando Barbi: fundadores da comunidade de São Paulo, da igreja Santa Rosa de Lima, em Perus. Criou o grupo de direitos humanos dentro da igreja, para lutar pela memória da Vala de Perus.
 - Wilma Aparecida Bernardo da Silva: criada em Perus, ela também acompanhou de perto a abertura da vala. A mesma participa ativamente da igreja Santa Rosa de Lima e acompanha todos os encontros que são ligados com a Vala de Perus.

CAPÍTULO 2

DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

2.1. Desenvolvimento da produção

O tema do projeto nasceu no primeiro semestre do curso, quando a equipe teve uma aula na disciplina de 'Imprensa, Poder e Política' e a docente Rosemary Bars citou os acontecimentos envolvendo a Vala de Perus, o que despertou a curiosidade da integrante Marcela Almeida, que nasceu e morou naquele bairro de São Paulo, mas que nunca soube a história dessa vala. Ao conversar com seu pai, José Macedo Almeida, sobre o ocorrido, ela descobriu que ele tinha muitos conhecidos no bairro com conexões com o evento da abertura dessa vala clandestina, como o seu amigo Toninho, ex-administrador do Cemitério Dom Bosco e quem inicialmente descobriu a Vala de Perus.

O padre Luciano Andreol da Paróquia de Santa Rosa de Lima é próximo da família de Marcela Almeida e também teve contato com esses fatos. Neste ano, no período de organização do projeto de conclusão de curso, a pauta para a reportagem multimídia foi desenvolvida com facilidade pelo contato com as fontes que moram até hoje em Perus (SP). As fontes mais difíceis para localizar foram dos familiares dos mortos e identificados, pois, alguns não tinham tanta abertura e disposição para falar sobre um assunto tão traumático para a família.

O projeto da produção começou em março de 2023. Inicialmente, o grupo teve o intuito de fazer uma websérie sobre a Vala de Perus, porém, o professor Carlos Roldão orientou que o grupo fizesse algo menos habitual, como um site multimídia. Assim, mudou-se o curso do trabalho, o que permitiu utilizar o material apurado em várias linguagens multimídia. Primeiramente, o grupo compartilhou todas as ideias de pautas. Com as orientações no segundo semestre deste ano, foram definidos os principais tópicos que seriam abordados e as mídias que seriam utilizadas.

A maioria das entrevistas foram realizadas presencialmente em São Paulo: na Câmara Municipal de São Paulo, para o evento 33 anos da descoberta da Vala de Perus, realizado em 4 de setembro de 2023; à casa da deputada federal Luiza Erundina, no dia 29 de setembro; ao gabinete da vereadora Luna Zarattini, também no dia 29 de setembro de 2023; ao Cemitério Dom Bosco, no dia 7 de setembro de 2023, para conversar com a comunidade de Perus e ao Centro de Antropologia e

Arqueologia Forense (CAAF) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no dia 26 de setembro de 2023., para as entrevistas com as pesquisadoras hoje responsáveis pelas ossadas, Aline Oliveira, Talita Máximo e Denise Rabelo. As entrevistas com Gilberto Molina, Luiz Mayr e Clarisse Mantuano, familiares das vítimas identificadas, foram realizadas por videochamadas.

As gravações usadas para o site foram feitas nas entrevistas presenciais em São Paulo, com câmeras semiprofissionais, o aparelho osmo, tripés e lapelas, foram disponibilizados pelo Laboratório de Imagem e Som e pelo laboratório de fotografia da PUC-Campinas. Pela baixa qualidade de som e imagem que a videochamada proporciona, o conteúdo dessas entrevistas foi utilizado em textos com fotos históricas, fornecidas pelos entrevistados. A edição dos vídeos e sonoras que compõem a reportagem multimídia foi realizada pelo editor Thiago Machado, técnico do Labis da PUC-Campinas. As fotos foram editadas pelos membros da equipe. Após as edições, escrevemos os textos para o site.

2.2. Processo de edição

A identidade visual do projeto entre setembro e outubro: Pamela, uma das integrantes, criou o esboço. Com a ajuda da integrante Marcela, foram desenvolvidas algumas opções. Todos os esboços eram com a cor vermelha, remetendo ao sangue. Como na Vala de Perus tem um muro com a homenagem da ex-prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, pensamos em colocar a mesma fonte da homenagem, ou alguma próxima. Ao apresentar as opções para a nossa orientadora, ela solicitou que repensássemos no logo, para desenvolver algo mais simbólico. A partir daí, com a ajuda do editor Thiago Machado, ele recriou o muro, com o mesmo formato e cor, e escreveu nele o nome do nosso projeto ‘Vala de Perus, histórias silenciadas’.



Figura 1: Logotipo. Fonte: criação próprio

O logotipo remete ao formato do muro que se encontra ao lado da Vala de Perus, localizada no Cemitério Dom Bosco. Ele é um monumento em homenagem aos desaparecidos, durante o mandato da prefeita Luiza Erundina. O vermelho está associado à resistência, luta e memória. Neste contexto histórico, ele representa a lembrança das vítimas, o sangue derramado e a busca por justiça. Já o branco simboliza a busca pela verdade e transparência. Ele representa luz que ilumina as sombras do passado, destacando a importância da identificação das demais ossadas que estavam na vala, para levar paz para as famílias dessas vítimas.

Segundo as autoras Ana Beatriz Stamato, Gabriela Staffa e Júlia Von Zeidler, na obra “A Influência das Cores na Construção Audiovisual”, as cores desempenham papéis distintos e carregam significados variados que são moldados pela cultura. Enquanto o vermelho, no Ocidente, simboliza o amor, nos orientais é associado ao poder. A cor preta, que para nós representa luto, é substituída pelos orientais pelo branco, que não apenas indica luto, mas também carrega significados espirituais da alma. O vermelho evoca uma gama de emoções, desde amor até sangue e perigo, enquanto o branco transmite paz e pureza, conectando-se à essência da alma. Por outro lado, o preto está intrinsecamente ligado à morte e à tristeza, ilustrando como as cores transcendem fronteiras geográficas para influenciar nossa percepção e experiência emocional.

Após definirmos o logotipo, iniciamos a edição dos materiais audiovisuais. Agendamos quarenta horas de edição, que consumimos cem por cento do tempo. Não tivemos dificuldades, pois os roteiros estavam bem detalhados. Para facilitar o entendimento, criamos uma pasta com todos os áudios e imagens numerados, para evitar confusões no momento da edição. Utilizamos imagens de apoio para as produções dos vídeos: usamos imagens da Rede VTV (<https://m.youtube.com/watch?v=gt-We9-A1A&pp=ygUNdmFsYSBkZSBwZXJ1cw%3D%3D>), Rede Globo (<https://www.youtube.com/watch?v=yKBc7S4tSfU>) e Canal da Erundina (<https://www.youtube.com/watch?v=xL8v6Kq7Tas&t=47s>).

Depois de finalizarmos a edição dos vídeos e áudios, começamos a desenvolver os textos, que foi na segunda quinzena de outubro. Durante a elaboração da maioria dos textos, enfrentamos desafios na organização e

conexão dos temas abordados, assim como na formulação dos principais pontos de entrada das matérias. Consequentemente, as reportagens passaram por diversas revisões por nossa orientadora antes de alcançarem sua versão definitiva. Esse processo ocorreu no início de outubro, estendendo-se até o início de novembro. Todas as integrantes foram responsáveis pela elaboração das matérias.

Entre a gente, foi separado o que cada uma iria fazer: Marcela ficou responsável pela elaboração da entrevista Ping-Pong com a deputada Luiza Erundina, texto dos cinco identificados, CAAF e o infográfico do ‘caminho das ossadas’; a Pamela desenvolveu o texto da história da Vala, depoimento do Antônio Eustáquio, José Carlos e ‘Por quê Perus’; já a Isabela criou a reportagem do ‘Ícones e movimentos’, que é composta pela entrevista dos moradores de Perus, da Luna Zarattini e a reunião da Câmara dos Deputados de São Paulo.

Na primeira quinzena de novembro foi iniciado o desenvolvimento do site. As edições dos materiais audiovisuais. Em novembro, partimos oficialmente para o desenvolvimento do site. O grupo optou por contratar uma pessoa para criá-lo. Fizemos algumas reuniões antes de enviar todos os materiais, para descrever de forma clara as nossas expectativas. Encaminhamos algumas referências que tínhamos como base. Marcela ficou responsável por encaminhar todos os materiais. A integrante criou um arquivo onde organizou todas as imagens, áudios, vídeos e textos. Todos os vídeos foram publicados no *YouTube* e áudios no *SoundCloud*. No final da primeira quinzena de novembro recebemos a primeira versão do site, onde pontuamos algumas melhorias e também erros identificados. Não enviamos para a nossa orientadora, pois encontramos bastantes erros.

A página foi pensada para ser um site de fácil acesso, sendo apenas uma única página. Além disso, ele é multimídia, para ser mais dinâmico e despertar a atenção do público. Por mais que seja apenas uma página, porém longa, para evitar que o leitor tenha de voltar ao menu principal rolando a tela, optamos por uma navegação mais intuitiva, com um botão de voltar ao menu. (Figura abaixo). Fizemos ainda uso slide de imagens, que foram encaminhadas pelas fontes e outras de nossa autoria, o que fica mais

personalizado.



Figura 2: Início do site. Fonte: criação própria

No início do site inserimos a foto que foi tirada pela integrante Pamela no CAAF. Optamos por essa imagem porque chama atenção. A imagem é de uma ossada não identificada. A primeira reportagem também é do CAAF. Escolhemos essa reportagem de abre pois é a matéria que contém informações que muitos portais ainda não noticiaram.

Todas as reportagens possuem título, linha fina e imagens. Intercalamos apenas os vídeos e áudios. Além disso, para dar a impressão de movimento, todas as imagens de abre das reportagens tem um degradê.



Figura 3: Degradê nas divisões das reportagens. Fonte: criação própria

Do lado esquerdo há o menu, que contém todas as matérias da página, o que facilita o público encontrar com rapidez o que mais desperta a atenção.

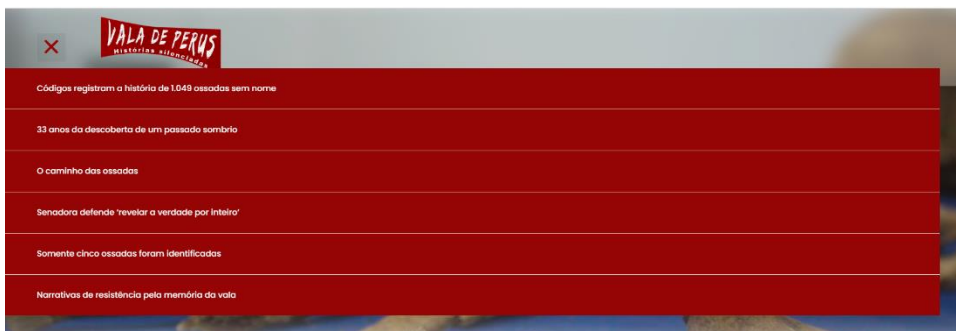


Figura 4: Menu do site. Fonte: criação própria

Nos Slideshows, optamos por inserir legendas apenas nas imagens dos identificados, pois são fotos com seus parentes, na maioria das vezes. Na matéria do CAAF, por exemplo, tem Slideshow com imagens que capturamos, das ossadas, mas não inserimos legendas. Em nossas pesquisas em sites de referência, é bem raro ter legendas em Slideshow. Por conta disso, não inserimos legendas.

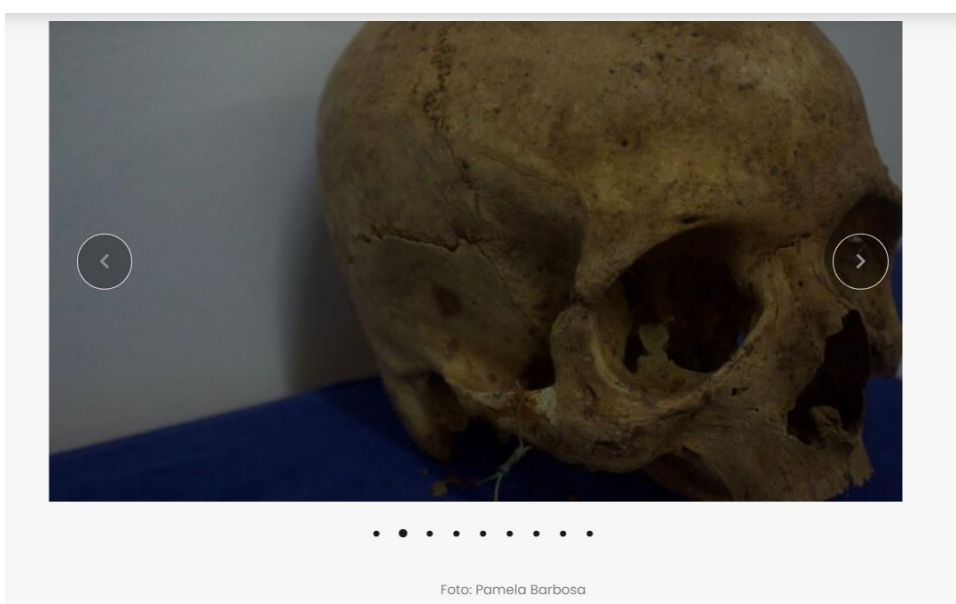
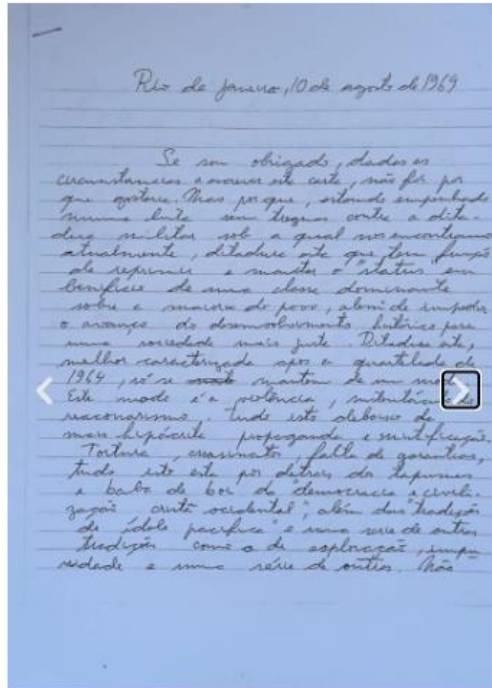


Figura 5: Exemplo do Slideshow na matéria do CAAF. Fonte: criação própria



Frederico escreveu para sua família, repudiando a Ditadura Militar
Foto: arquivo pessoal/ Luiz Mayr



Figura 6: Exemplo do Slideshow na matéria dos identificados. Fonte: criação própria

Após a matéria “Por que Perus?”, a integrante Marcela desenvolveu um infográfico “O caminho das ossadas”, que foi uma sugestão do professor Marcel Cheida, na banca de qualificação que tivemos em 17/08/2023. O objetivo do infográfico é exemplificar a trajetória que as ossadas tiveram.

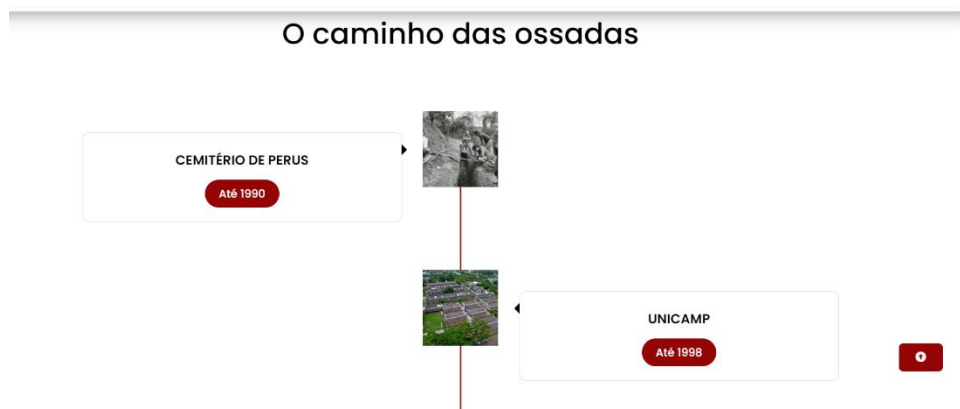


Figura 7: Infográfico “O caminho das ossadas”. Fonte: criação própria

Além disso, o grupo se atentou em práticas as técnicas de SEO nos textos produzidos, no salvamento das imagens no site e também na configuração do mesmo, com a ajuda de palavras-chaves, como “Vala de Perus”. Com isso, ao pesquisar o assunto, o site estará nas primeiras sugestões, para melhor engajamento.

2.3. Projeto de divulgação

Para a divulgação da reportagem multimídia “Vala de Perus, histórias silenciadas”, o grupo projetou um perfil no Instagram, para ser o principal meio de divulgação e distribuição das informações sobre o caso, com o *user* @valadeperus, e as publicações começaram no dia 4 de novembro. Os primeiros posts foram feitos a partir de tópicos introdutórios, considerados importantes pelo grupo, e em seguida serão feitos *posts* de introdução dos integrantes do projeto.

O conteúdo foi compartilhado nos perfis das integrantes do grupo, @isabtulio_, @barbosaa.pam e @_marcela_almeida. Com apenas duas postagens, a conta recebeu 54 seguidores. Uma dificuldade neste início das postagens foi manter a constância das publicações, por conta do prazo para a entrega da pesquisa individual, da reportagem multimídia e do relatório técnico.



Perfil no Instagram @valadeperus. Fonte: Captura de tela

Está agendado, em dezembro, a apresentação deste trabalho para o grupo de jovens que participa da Paróquia de Santa Rosa de Lima, assim como para os moradores do distrito de Perus, em São Paulo. O padre Luciano Andreol acompanhou esse trabalho e auxiliou o grupo com a indicação de moradores que se tornam fontes para as reportagens. Também está na pauta a inscrição desse trabalho em premiações com foco em direitos humanos, em 2024.

2.4. Custos e gastos

O grupo optou por fazer todas as gravações por conta, uma vez que fomos informadas que teríamos que levar o cinegrafista da universidade até o local. Nenhuma das integrantes possui carro, então não íamos conseguir levar o cinegrafista. Todas as nossas entrevistas foram gravadas em São Paulo. A passagem para a cidade, saindo de Campinas, custa 48,10. Fomos para São Paulo três vezes, então, para cada uma das três integrantes, o valor da despesa com ônibus foi duzentos e oitenta e oito reais (R\$ 288,60).

Saindo da rodoviária pegamos carro por aplicativo ou metrô, o que chega no gasto de oitenta reais (R\$80,00). Para a criação do site e o domínio do site, contratamos um profissional de T.I. para produzir, por conta da falta de tempo no processo do trabalho, o site custou mil e duzentos reais

(R\$1.200,00). Já para o domínio e a hospedagem, foi gasto setenta e cinco e noventa centavos (R\$75,90). Portanto, este trabalho teve o custo de R\$2.191,70 reais ao todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade (CNV)**, 2011. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 07 out. 2023.

BRASIL. Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade. **Comissão Nacional da Verdade** – Brasília: CNV, 2014. 1996 p.26

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/>. Acesso em: 12 out. 2023.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/>. Acesso em: 12 out. 2023.

KOTSCHO, Ricardo. **UOL**, 1996. Vala de Perus: a história do ossário clandestino das vítimas da ditadura. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/11/30/vala-de-perus-caco-barcellos.htm>. Acesso em: 12 out.

LONGHI, R. R. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21 2014, n. 3, p. 897-917, set./dez. de 2014.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO, 2009. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/>. Acesso em: 12 out. 2023.

REGISTROS documentais e descaminhos de corpos: ossadas de Perus revelam máquina de fazer desaparecer. Disponível em: https://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/02/interpretes_do_acervo_05.php#:~:text=Come%C3%A7amos%20com%20os%20laudos%20necrosc%C3%B3picos,come%C3%A7ar%20a%20partir%20de%20mar%C3%A7o. Acesso em: 7 out. 2023

SASSALA, S. J. **O Estudo das Cores Aplicado ao Design de Interiores**. 2016. Monografia (Especialização) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SILVA, C. M. E. da (2022). **Comportamento do consumidor no marketing sensorial: psicologia das cores** [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa].

STAMATO, A; STAFFA, G; ZEIDLER, J. A Influências das Cores na Construção Audiovisual. **Intercom**, Bauru, jul., 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Centro de Antropologia e Arqueologia Forense**. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/caaf/>. Acesso em: 07 out. 2023.

VANNUCHI, Camilo. **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/vala-de-perus-uma-biografia/>. Acesso em: 12 out. 2023.

VENTURA, M.; ITO, L. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens TAB, do Uol. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 17 2016, n. 35, p. 121-134, set-dez 2016.

ANEXOS

Data: 16/10	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca: Vala de Perus Toninho
Produtor(a) / Pauteiro (a): Marcela Almeida				
Repórter: Pamela Barbosa				
Ano: 2023	Turma: 0101	Período: 7º/8º	Professor (a):	Rose Bars

Take	Seleção vídeo	Seleção áudio	Off, Passagem, Sonora
	VHT INICIAL	Vinheta inicial	
1	MVI_7621.MOV 08:46 – 09:09	08:44 - 09:06	DI: Foi muito triste para mim, foi muito doloroso... DF: ...chamavam de militantes políticos desaparecidos né
2	MVI_7622.MOV 09:38 – 10:08	22:29 – 23:04	DI: Eles extumaram em massa, como eu disse agora há pouco... DF: ...para eles né, não para a sociedade, não para a democracia
3	MVI_7625.MOV 07:40 – 8:13	33:35 – 34:07	DI: Uma madrugada né, que eu estava fazendo essa sondagem... DF: ...olha, eu comecei a ladeira do barranco com a sonda
4	MVI_7625.MOV 08:29 – 08:50	34:24 - 34:45	DI: Falei achei, aí eu verifiquei os barrancos né... DF: ...falei nossa senhora que tem 1500 ossadas aqui né
			DI: Foi quando eu levei o conhecimento da a prefeita

5	MVI_7626.MOV 01:30 – 02:23	40:03 – 40:56	Luiza Erundina... DF: ... foi quando ela pesquisou e achou aquele da Unicamp
	VHT FINAL	Vinheta final	

Data: 15/10	Nº fita bruta: MVL_7640	Câmera:	Editor de texto:	Retranca: Vala de Perus José Carlos
Produtor(a) / Pauteiro (a): Marcela Almeida				
Repórter: Pamela Barbosa				
Ano: 2023	Turma: 0101	Período: 7º/8º	Professor (a):	Rose Bars

Take	Seleção vídeo	Seleção áudio	Off, Passagem, Sonora
	Vinheta inicial	VHT INICIAL	
1	00:05 – 00:14	00:09 – 00:18	DI: Eu me chamo José Carlos Coelho, sou morador... DF: ...de Perus desde o finzinho do ano de 68
2	00:49 – 01:01	00:54 - 01:06	DI: Em 1973, me tornei funcionário do cemitério né, fiz o concurso... DF: ...passei e vim trabalhar justamente aqui, no dia 22 de novembro de 73
3	01:27 – 01:56	01:32 – 02:01	DI: E muitos desses desaparecidos políticos, vieram a ser... DF: ...o serviço funerário da época né. Depois que você vai perceber como foi feito as coisas né
4	03:43 – 04:08	03:47 – 04:13	DI: Quando foi feita a vala eu estava lá, com o diretor da época... DF: ...ai falou "faz uma valeta", foi feito essa valeta e foi colocado essas ossadas né
5	05:28 – 05:45	05:33 – 05:49	DI: quando eu tava lá você, você não podia nem dar informação, assim... DF: ...do administrador juntamente com a pessoa,

			conversava
6	07:07 – 08:00	07:12 – 08:04	DI: Eu acho que é uma coisa que a gente não deve esquecer, houve muito sofrimento né... DF: ... não tinha essa liberdade que a gente ta tendo
	VHT FINAL	Vinheta final	

Data: 15/10	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca: Vala de Perus
Produtor(a) / Pauteiro (a): Marcela Almeida e Pamela Barbosa				
Repórter: XXX				
Ano:	Turma:	0101	Período: 7º/8º	Professor (a): Rose Bars

Take	Seleção Áudio	Seleção Vídeo	Descrição	Off, Passagem, Sonora
1	VHT INICIAL 04:19 – 05:16	04:38 – 05:36	Vinheta inicial LUNA ZARATTINI (Vereadora da cidade de São Paulo e Presidente da Comissão de Direitos Humanos) Objetivo do evento de 33 anos da Vala de Perus na Câmara Municipal de São Paulo:	DI: "Nesses 33 anos da..." DF: "...violações de direitos humanos"
2	19:25 – 20:10	07:01 – 07:47	TEREZA LAJOLO (Ex-presidente da Comissão Municipal da Verdade de São Paulo e ex-vereadora da cidade de São Paulo) O Instituto Médico Legal e os seus laudos não verídicos	DI: "O que nós temos é..." DF: "...nesse período comandado"

3	16:21 – 17:02	05:00 – 05:32	MARIA AMÉLIA TELLES (Integrante da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos) A importância de continuar lutando pela Vala de Perus:	DI: "Essa luta, muita gente..." DF: "... começou a andar"
	VHT FINAL		Vinheta final	

Curso: Jornalismo
Ano: 4º
Disciplina: Projeto Experimental - TCC
Turma: 0101
Professor: Rose Bars
Nome do Programa: Vala de Perus
Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Repórteres: Isabela Túlio, Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Apresentação: Não tem
Duração do programa:

Espelho

1. VH – ABERTURA	
1. SONORA 1	
2. SONORA 2	
3. VH - ENCERRAMENTO	

CL,CL,ABIS		Programa: Vala de Perus		Ano 4º	Data de gravação:
		Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa			
		Tempo:	23/10/2023	Projeto Experimental - TCC	
		Apresentadores:		Turma	0101

Técnica	Locução
VH ABERTURA	VHT ABERTURA
SONORA TALITA (CAAF) – LAPELA 1	<p>ÁUDIO TALITA (16:03 – 16:27)</p> <p>TEMPO: 00:24</p> <p>DI: “Depois da análise que a gente...”</p> <p>DF: “...a umidade da sala.”</p>
SONORA ALINE (CAAF) – LAPELA 2	<p>ÁUDIO ALINE (17:17 – 17:27)</p> <p>TEMPO: 00:10</p> <p>DI: “O material ele não pode...”</p> <p>DF: “...variação de 10º ou outras.”</p>
VHT ENCERRAMENTO	VHT ENCERRAMENTO

Curso: Jornalismo
Ano: 4º
Disciplina: Projeto Experimental - TCC
Turma: 0101
Professor: Rose Bars
Nome do Programa: Vala de Perus
Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Repórteres: Isabela Túlio, Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Apresentação: Não tem
Duração do programa:

Espelho

1. VH - ABERTURA	
1. SONORA	
2. VH - ENCERRAMENTO	

CLICLABIS

	Programa: Vala de Perus	Ano 4º	Data de gravação:
	Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa		
	Tempo: 23/10/2023		Projeto Experimental - TCC
	Apresentadores:	Turma	0101

Técnica	Locução
VH ABERTURA	VHT ABERTURA
SONORA TALITA (CAAF)	<p>ÁUDIO TALITA (09:35 – 10:02)</p> <p>TEMPO: 00:27</p> <p>DI: "O que a gente considera..."</p> <p>DF: "...quantos indivíduos têm."</p>
VHT ENCERRAMENTO	VHT ENCERRAMENTO

Curso: Jornalismo
Ano: 4º
Disciplina: Projeto Experimental - TCC
Turma: 0101
Professor: Rose Bars
Nome do Programa: Vala de Perus
Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Repórteres: Isabela Túlio, Marcela Almeida e Pamela Barbosa
Apresentação: Não tem
Duração do programa:

Espelho

1. VH – ABERTURA	
1. SONORA	
2. VH - ENCERRAMENTO	

CLC/LABIS


	Programa: Vala de Perus	Ano 4º	Data de gravação:
	Editor Chefe: Marcela Almeida e Pamela Barbosa		
	Tempo:	23/10/2023	Projeto Experimental - TCC
	Apresentadores:	Turma	0101

Técnica	Locução
VH ABERTURA	VHT ABERTURA
SONORA LUNA	ÁUDIO LUNA (05:32 - 07:00) TEMPO: 01:32 DI: “A Melinha Teles me procura...” DF: “...sombrio da nossa história.”
VHT ENCERRAMENTO	VHT ENCERRAMENTO

ANEXO VI**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM****AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, LUIZ ROBERTO MAYR, brasileiro, divorciado, RG 3594310-9 IFP RJ, CPF 362949187-15, residente e domiciliado à Av. Mauro Ramos 1512, apartamento 411, 88020-302 Florianópolis, SC, AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Florianópolis, SC, 27 de novembro de 2023

Documento assinado digitalmente
 LUIZ ROBERTO MAYR
Data: 27/11/2023 11:37:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luiz Roberto Mayr

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Orlando Baehi,
Brasileira (nome) casado, RG 80059661
 (Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à R. Estevão Ribeiro de Rezende 98
 (rua ou avenida e número)

Perus, 500 Paul, SP, 05202-140
 (Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de Novembro de 2023

Orlando Baehi

(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEMEu, Celia Aparecida Leme,BRASILEIRA, ^(nome) SOLTEIRA, RG 12.993.124-6
(Nacionalidade) (Estado Civil)residente e domiciliado a Rua Antonio de Padua Dias, 299
(rua ou avenida e número)PERUS SÃO PAULO SP 05202-070
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de NOVEMBRO de 2023


(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Jose Carlos Coelho,
 (nome)
Brasileiro, RG 7.649.021-X
 (Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à rua Candido da Rocha
 N.º 108,
 (rua ou avenida e número)

Paraisópolis São Paulo SP, 05402-150
 (Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 19 de novembro de 2023

Jose Carlos Coelho
 (assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Antônio Estaque,
Apinawa, Vivo (nome), RG 32.780.240-5
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado a Estrecha dos Pinheiros,
(rua ou avenida e número)

Peças São Paul SP 05152-000
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de Novembro de 2013


(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Ana Arbore de Oliveira,
 (nome)
brasileira, solteira, RG 47873729-4
 (Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Montech, 26
 (rua ou avenida e número)

Fragoso, São Paulo, São Paulo, 02032080
 (Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 26 de setembro de 2023

Ana Arbore

(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEMEu, Taiza Máximo Carvalho Ribeiro,brasileira (Nacionalidade), Soltawa (nome) (Estado Civil), RG 44.883.857-6residente e domiciliado à Av. Senador Roberto Simentim, 402

(rua ou avenida e número)

St. Antônio (Bairro), São Carlos do Sul (Cidade), SP (Estado), 09.530.401 (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 26 de setembro de 2023Taiza Máximo C. Ribeiro

(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Demilson Roberto Maciel,
(nome)
brasileiro divorçado RG 687.733
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua São Francisco, 1668
(rua ou avenida e número)

1st. Henrique Taubaté da Serra São Paulo 06764-290
(Barro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 26 de setembro de 2022

Demilson Roberto Maciel
(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, LUIZA EPUNMINA DE SOUSA,

BRASILEIRA, ^(nome) SOLTEIRA, RG

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à R. DOS HELIOTRÓPIOS, 133

(rua ou avenida e número)

mirampoliz SAS PAULO SP 04049900

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 29 de SETEMBRO de 2023



(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, WILLMA Ap. B. da Silva,
SÃO PAULO, viúva (nome), RG 52.780.985-1
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à RUA ALMOFADA 94
(rua ou avenida e número)

Perus, São Paulo, S.P., 05202-140
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de Novembro de 2023

Willma Ap. B. da Silva
(assinatura)

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM
AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, LUNA ZARATTINI BRANDÃO,
BRANLEIRA, ^(nome) FOLTEIRA, RG 39.109.948-5
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Iheús, 322
(rua ou avenida e número)

Sumaré, São Paulo São Paulo 01251-030
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 29 de Setembro de 2023

Luna Zarattini

(assinatura)

ANEXO VI

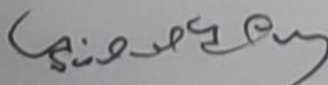
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Gilberto Carvalho Molina, brasileiro, viúvo, Identidade 16.732 / CREA-RJ, viúvo, residente e domiciliado à Rua São Francisco Xavier numero 157 / apartamento 503, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20.550-010,

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens fornecidas de arquivo pessoal e gravações de entrevistas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

..Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 2023



(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Clarisse Pedreira Ferreira Mantuano, brasileira, solteira, RG 10200620-2, residente e domiciliado à Rua da Gonçalinha 1239/2B Abrantes- Santarém /Portugal CE2200-151

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Portugal, 27 de novembro de 2023



(assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

ISABELA TULIO ALVES

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**OS RECURSOS MULTIMÍDIA
NA CONTRUÇÃO DO UOL TAB**

CAMPINAS

2023

Isabela Tulio Alves

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**OS RECURSOS MULTIMÍDIA NA
CONTRUÇÃO DO UOL TAB**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Juliana Doretto.

PUC- CAMPINAS

2023

Introdução

A internet e as tecnologias digitais transformaram nossa cultura, por meio da conectividade e da possibilidade de articulação de diversas linguagens midiáticas. Isso muda ainda a forma como o público consome informações. Para Jenkins (2009, p. 30), “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Nesse processo, o jornalismo também percebe que é preciso se apropriar de ferramentas multimídia inovadoras para o seu fazer, a partir do fim dos anos 90, com a instauração e ampliação da rede no país.

O Portal UOL foi pioneiro e revolucionário em muitos aspectos da narrativa jornalística multimídia no Brasil. Foi o primeiro site a se inserir na rede como um portal de notícias exclusivamente online e criou várias plataformas inovadoras. Como a TV UOL, que hoje é o UOL MOV, primeira a realizar transmissão de conteúdos jornalísticos ao vivo na web, além do UOL Wap, serviço feito para acessar notícias em dispositivos móveis.

O lançamento do Portal UOL tem fundamental importância para a disseminação do Webjornalismo no Brasil. A partir do UOL, a comunidade se aproximou deste novo formato de se fazer jornalístico, bem como os próprios jornalistas e técnicos, até então, habituados com o jornal, o rádio e a televisão, de forma isolada (Ferreira; Silva, 2016, p. 13).

Em meio a essas plataformas, temos ainda o UOL Tab, específico para produtos jornalísticos multimídia, com reportagens especiais interativas e em formatos criativos. Foi criada especialmente para suprir a necessidade do público de consumir um novo formato de jornalismo de qualidade, com iniciativas que proporcionam a imersão do leitor no material, por meio do uso de aspectos da TV, rádio, impresso e digital.

Assim, o objetivo desta pesquisa é desenvolver uma revisão bibliográfica sobre como os recursos multimídia atuam na construção das reportagens do UOL Tab. Para melhor discussão do assunto, trouxemos ainda uma breve abordagem da história do Portal UOL e do jornalismo online brasileiro. Para isso, foram analisados capítulos de livros, artigos científicos, teses e dissertações sobre o jornalismo convergente, seus impactos na mídia brasileira e a construção do UOL Tab.

Metodologia

Segundo Gil, em “Como elaborar projetos de pesquisa” (1984):

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Sendo assim, a pesquisa surge a partir de um problema e do planejamento de métodos que serão usados na resolução dele. No nosso caso, o tipo de estudo escolhido foi a revisão bibliográfica. Especificamente sobre isso, Ida Stumpf diz que é:

Um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (Stumpf, 2011, p. 51).

Segundo Stumpf (2011, p. 51), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade a escrita de “um texto sistematizado que mostra a bibliografia estudada e evidencia a análise, o entendimento, as ideias e as opiniões do autor”. Tal metodologia segue as seguintes etapas: identificação de um tema; seleção de fontes; leitura; transcrição e tratamento de dados e esquematização e planejamento da redação da pesquisa, com intuito de produzir um texto claro de fácil entendimento ao leitor.

Majoritariamente, para elaboração desta pesquisa, fizemos buscas no Google Acadêmico, mas também foram utilizados arquivos encontrados em buscas no Google Pesquisa. Nessas bases de dados foram pesquisadas palavras-chave como “jornalismo convergente”, “comunicação multimídia”, “multimídia UOL Tab”, “história imprensa online”, entre outras, dessas bibliografias encontradas usei em maioria artigos, livros e teses.

Revisão bibliográfica

Jornalismo convergente

A partir da popularização da Internet e dos computadores pessoais nos anos 2000, o modo como pensamos, vemos a sociedade e nos comunicamos se transformou. Um dos fatores responsáveis por esse processo é a chamada cultura da convergência, um conceito criado por Jenkins em 2009, que representa um fenômeno que nasceu a partir da afluência dos meios de comunicação, com o avanço da tecnologia, que reconfigura o conteúdo midiático. O autor diz:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais (Jenkins, 2009, p. 30).

Segundo Jenkins (2009), hoje, com a cultura da convergência, a sociedade apresenta também uma maneira diferente de consumir informação, e isso acarreta uma reconfiguração dos produtos jornalísticos, e do fluxo do mercado noticioso. Nesse contexto, jornalismo convergente pode ser caracterizado brevemente como produtos jornalísticos online com a inserção de linguagens e mídias diversas que se ligam harmoniosamente. Segundo Suzana Barbosa, jornalismo convergente pode ser explicado como:

Um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente separadas, permitindo que os jornalistas elaboram conteúdos para serem distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma (Barbosa, 2013, p. 35-36).

A conceituação de Barbosa é algo parecido com o modo com que Raquel Longhi (2014), uma das maiores pesquisadoras do assunto do país na área, descreve a convergência jornalística: “Produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimídia, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital” (Longhi, 2014, p. 901). Nesse sentido, percebe-se que o processo de convergência jornalística se constitui pelo uso de diversas linguagens, como textos, imagens, vídeos, áudios, gráficos e ilustrações, e pela presença de ferramentas que possibilitam a interatividade com o público, em espaços online variados, como sites, redes sociais e aplicativos.

A convergência midiática é um processo longo, que vem se desenvolvendo há mais de 30 anos. Essa transformação foi objeto de estudo de Longhi em 2013, em que ela divide o desenvolvimento do jornalismo multimídia em três fases:

Numa mirada mais atenta ao histórico de desenvolvimento dos produtos noticiosos multimidiáticos, percebe-se pelo menos três fases distintas na exploração das possibilidades da linguagem hipermídia, que sistematizamos tal como segue:

1. o slideshow noticioso e os primeiros produtos noticiosos multimidiáticos, no início dos anos 2000;

2. os especiais multimídia, de meados de 2002 a 2011; e
3. a grande reportagem multimídia, de 2012 em diante (Longhi, 2013, pg. 900-901).

A separação nessas fases torna mais visível o desenvolvimento da convergência jornalística: percebe-se como o avanço da tecnologia foi influenciando os novos modos de construir os produtos midiáticos, tornando-se cada vez mais de maior complexidade. No início da Internet, a multimídia começa a ser explorada pelos jornalistas com hiperlinks e com os *slideshows*, que eram apresentações de uma série de imagens estáticas. Em 2002, a popularização do *software Flash* provocou um crescimento no conteúdo de infográficos e de *picture stories* - que são séries de imagens que se integram para relatar o tema - e dos especiais multimídia. A partir de 2013, é consolidada a grande reportagem multimídia. Nessa fase é frequente o uso de técnicas e ferramentas como *parallax scrolling*, dois planos na página, em que a imagem de fundo se movimenta mais lentamente que a aquela que está em primeiro plano, com uma ilusão de profundidade; HTML5, configuração para world wide web que possibilitou o uso de novas tecnologias multimídias; CSS, mecanismo para estilizar e decorar elementos em uma página; e narrativas inovadoras como as imersivas em *long-form*, que é uma narrativa jornalística com mais de 4 mil caracteres, profunda apuração e exploração da multimídia.

Uma abordagem histórica do portal UOL

No Brasil, os sites de conteúdos jornalísticos se derivaram de jornais impressos. Nesse sentido, 1995 foi um dos anos mais importantes para a instauração do webjornalismo brasileiro. Foi quando o Jornal do Brasil, o primeiro veículo de comunicação do país, foi publicado na Internet. Em decorrência dele, com a competitividade do mercado de mídia, surgem os sites de jornais como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo e outros grandes veículos. Essas páginas que se caracterizavam da seguinte maneira:

Os produtos dessa fase, em sua maioria, são simplesmente cópias do conteúdo de jornais existentes no papel, só que, para a web. A rotina de produção de notícias é totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos. No que diz respeito ao formato de apresentação das narrativas jornalísticas, não há nenhuma evidência de preocupação com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas. A disponibilização de informações jornalísticas na web fica restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo, enquanto um meio que apresenta características específicas (Mielniczuk, 2003, p. 33).

Então, nesse primeiro contato com a web, os jornalistas não tinham a pretensão de usar ferramentas do digital que modificassem ou enriquecessem as matérias visualmente ou em interatividade. A Internet era apenas mais uma maneira de distribuir as reportagens produzidas para o impresso. Porém, com o avanço das tecnologias, o objetivo dos jornais sobre os produtos informativos da Web mudou, e a disponibilização da notícia no online começou a ser realizada de forma diferente do que ocorre com o impresso.

Ainda em 1995, o Grupo Folha lançou o Folha Web, que era o princípio do que seria futuramente o Portal UOL. Segundo Ferreira e Silva (2016), o Grupo Folha manteve o Folha Web enquanto planejava e desenvolvia o UOL. Em 1996, o Universo Online estreou, no dia 18 de abril, e no decorrer do ano sofreu três reformulações, por conta de atualizações tecnológicas e melhorias gráficas. Ao entrar no ar, o site passou a disponibilizar matérias da Folha, partindo de 1994. Em 1997, o UOL começa adicionar ao portal editorias que integravam o site; a partir daí, criou-se uma separação de abas pelos assuntos das reportagens e notas. Márion Strecker, primeira diretora do portal UOL, as dificuldades enfrentadas pelo site em seu início:

Em entrevista concedida para esta pesquisa, Márion Strecker, diretora de conteúdo da Folha Web, mais tarde, Portal UOL, contou que as principais limitações à época do surgimento do Universo Online, com relação à parte visual, eram a velocidade de conexão com a Internet e os tipos de monitores, de baixa resolução. “O design gráfico e a arquitetura do portal evoluíram muito ao longo dos anos. Os principais fatores a provocar mudanças foram a velocidade das conexões que o público usa para acessar a internet e a definição dos monitores utilizados pela audiência. Com maior velocidade e definição, a interface pode se tornar cada vez mais sofisticada, as páginas puderam ficar cada vez maiores e com mais informação e os infográficos foram se tornando cada vez mais ricos” (Ferreira; Silva, 2016, p. 9 - 10).

Strecker contou ao Círculo Folha – página do Grupo Folha que atualiza o leitor sobre a empresa e conta a história da Folha – que, por não terem referências e parâmetros de plataformas multimídias na imprensa brasileira para seguir, e pela falta de especialistas na área digital na época, eles trabalhavam na base da tentativa e erro (Ferreira; Silva, 2016). Com a melhoria na estrutura técnica da internet no Brasil, no final dos anos 90, houve o início da exploração das ferramentas oferecidas pelo digital – como o surgimento de editorias e fóruns, citadas acima, além de hiperlinks –, a favor de uma melhor experiência no jornalismo online. Mesmo tendo dificuldade no processo da exploração do digital no meio jornalístico, o UOL teve sucesso:

Apesar do experimentalismo, ou seja, das tentativas e erros expostas ao usuário da Internet, a produção jornalística na Web pode alcançar alguns parâmetros de sucesso e rejeitar outras práticas não só do Brasil, uma vez que

o UOL se transformou no maior portal da América Latina. Sem referências teóricas, que não as advindas da mídia impressa - em especial do grupo Folha, ao qual pertence - sem manuais, seus idealizadores e colaboradores mostraram-se incansáveis comunicadores nos idos anos 90 (Ferreira; Silva, 2016, p. 13 - 14).

Vemos então que, por ter sido um projeto que testou novos modelos e mídias no online, e passou por momentos de experimentalismo, o UOL foi um portal que inovou no jornalismo digital brasileiro, tornando-se um dos maiores parâmetros para as mudanças nas plataformas de notícias online do país.

Com a consolidação do portal, a história do Universo Online foi sendo construída por momentos de investimentos em vários tipos de ferramentas, sendo elas não apenas jornalísticas, mas também de serviços e de segurança na internet. Segundo o site do UOL, em 1997, lança-se a TV UOL, que hoje é o UOL MOV, a pioneira em transmissão de conteúdos jornalísticos ao vivo na web. Em 2005, o UOL investiu em segurança na internet para o público e criou o UOL Antivírus para computadores, notebooks e smartphones, além do PagSeguro, em 2006. Em 2007, foi o ano em que o UOL lançou o UOL Economia, que disponibilizava calculadoras, simuladores e áreas para cotações. Em 2012, a UOL e a Folha mediaram o primeiro debate presidencial exclusivo para a internet na história brasileira, que foi visto por quase 1,5 milhão de pessoas, em 127 países.

Em 2014 foi criado o UOL Tab, plataforma específica multimídia, de reportagens especiais interativas com formatos criativos. Galarça e Demarche (2019) explicam sobre o propósito da plataforma em texto de 2019:

O UOL TAB foi lançado em outubro de 2014 como uma proposta de um novo formato de narrativa jornalística no Universo Online (UOL). Segundo o editor-chefe do TAB, Daniel Tozzi, o produto surgiu na busca de um propósito: Oferecer uma experiência de conteúdo, com abordagens novas e formatos interativos. Assim foi prototipado o TAB e, a partir disso, a interface é pensada com o conteúdo, com a apuração, com as informações, para tentar criar o máximo de conexão com o público (TOZZI, 2018). Ainda segundo Tozzi (2018), desde o lançamento do TAB, a prioridade da equipe não é o número de visualizações, mas o tempo médio de permanência na página, já que o objetivo do produto é estabelecer uma conexão entre o público e o conteúdo (Galarça; Demarche, 2019, p. 5 - 6).

Podemos perceber que a necessidade da criação de um produto com o propósito de oferecer experiências com formatos interativos vem pela demanda do leitor de um conteúdo

mediático convergente, que, como dito anteriormente, surge pela confluência dos meios de comunicação. Sendo assim, foi criado um desafio para os jornalistas: produzir conteúdos noticiosos que envolvam variadas mídias que se completam e se harmonizam.

A multimídia na construção do UOL Tab

Como pontuado na introdução, o objetivo desta pesquisa é investigar como os recursos multimídia operam nas reportagens do UOL Tab, plataforma do Portal UOL que inovou nos modelos de jornalismo digital no Brasil. Segundo Lenzi (2016), em dados do UOL Tab divulgados em 2014, seu ano de estreia, o portal tinha, toda segunda-feira (dia de maior audiência), cerca de 4,5 milhões de visitas através de computadores e 1,5 milhão por dispositivos móveis.

Lenzi (2016, , p. 165), em análise das 30 primeiras reportagens publicadas no TAB, entre outubro de 2014 e maio de 2015, pontua: “O texto aparece como elemento principal, fio condutor para as demais peças e recurso básico para introduzir o tema. Salaverría (2014) lembra que o texto é a coluna vertebral que sustenta e estrutura as peças informativas multimídia”. Então, é importante destacar que, apesar de todas as matérias terem elementos multimídia e esse ser o destaque da plataforma, em todas elas é o texto que as direciona. Lenzi (2016) analisa que isso se dá pelo elemento textual contextualizar os demais recursos utilizados, tendo a função de mostrar ao leitor as informações iniciais e fundamentais da reportagem, apesar de também carregar ideias suplementares.

Uma característica diferencial da página é o texto não linear, que pode ser caracterizado como uma narrativa sem sequência cronológica, com antecipações ou retrospectivas e rupturas do tempo. Galarça e Demarche (2019) pontuam uma característica interessante sobre a estrutura textual do TAB: “Com relação à estrutura das narrativas, o estudo indicou que uma estrutura não-linear pode potencializar a interação com o conteúdo, já que propicia ao leitor escolhas sobre seu caminho de consumo” (Galarça; Demarche, 2019, p. 14).

A narrativa não linear não aparece em todas as reportagens do TAB, mas é um tópico importante a ser citado, pois os pesquisadores dizem que a interação com esse conteúdo é intensificado, porque o consumidor pode definir caminhos de leitura diversos, e “as possibilidades de escolha do consumo influenciam na imersão e experiência proporcionadas” (Demarche; Galarça, 2019, p. 11). Outro tópico relevante a abordar sobre o UOL Tab é a interatividade da plataforma, que conta com recursos de enquetes e quiz em várias reportagens, para proporcionar ao leitor uma aproximação com o assunto que está sendo discutido no produto jornalístico e a possibilidade de poder de expressão. Lenzi (2016, p. 168) diz: “Junto aos

recursos de texto, imagens, áudios e vídeos, percebemos também uma preocupação do UOL TAB de incluir no processo de multimídia o quesito interatividade”.

Ao analisarem seis reportagens do TAB, escolhidas por trazerem variedade de recursos interativos e multimídia, Ito e Ventura (2016) destacam como o TAB usa ferramentas disponíveis na web para o produto se destacar, mesmo o texto sendo a principal mídia. As outras mídias aparecem para aprofundar o assunto e em alguns casos ilustrar alguma ideia, deixando a reportagem mais didática e criativa.

A multimídia, por sua vez, é abundante em todas as reportagens, e, na amostra analisada, pode ser encontrada na forma de vídeos, áudios, infográficos animados e animações. A presença de elementos multimídia aprofunda o assunto tratado ou ilustra alguma ideia ou situação quando a narração puramente textual ficaria aquém do entendimento completo (Ito; Ventura, 2016, p. 127).

Sendo assim, percebe-se a importância das mídias acrescentadas ao texto, como os recursos de infografia, que têm como maior finalidade trazer adendos às informações, ao mesmo tempo em que propicia ao leitor maior imersão na reportagem. Winkes (2015), pesquisadora sobre jornalismo online e consumo de reportagens da web, pontua que as imagens fixas ou estáticas também tendem a serem complementos do texto, assim como os infográficos, e as animações e ilustrações servem tanto como atrativos visuais quanto para explicações adicionais.:

Imagens estáticas e dinâmicas: A presença de fotos, vídeos, animações, etc, varia consideravelmente. Para García (2003) esses elementos são determinados pelas aplicações de softwares e programas de edição que possibilitam diversos efeitos nas imagens estáticas ou não. A presença de imagens fixas é constante na série TAB, como um acompanhamento e visualização do que está sendo exposto no texto escrito. Já as imagens animadas ou ilustrações têm uma importância variável, que vai desde uma função meramente decorativa até uma representação eficaz para explicar com mais forma de entrevistas e depoimentos - tem aparecido com destaque nas reportagens da série como complemento do texto escrito, com qualidade de conteúdo e imagem (Winkes, 2015, p. 16).

Ao concluírem artigo Galarça e Demarche (2019, p. 14) dizem que: “A constituição do jornalismo convergente no UOL TAB confirma avaliações sobre a necessidade de mudanças dos jornalistas, que ampliam sua técnica para atender a um novo modo de produção de notícias”. Portanto, vemos a importância da narrativa multimídia para maior imersão do leitor na reportagem, além da relevância do UOL Tab na implementação desses recursos no jornalismo

digital brasileiro, tendo sido um dos maiores e mais bem-sucedidos laboratórios da modalidade no país.

Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo compreender o uso de ferramentas multimídias utilizadas na construção das reportagens da plataforma UOL Tab, que inovou na forma de produzir jornalismo para a internet. Primeiramente, pôde-se compreender que a imprensa online teve um caminho trilhado junto ao avanço da tecnologia, difundido-se e aperfeiçoando-se com a popularização da internet e criação de recursos técnicos. Conclui-se que o início da exploração da internet pelo jornalismo foi gradual e sem muitas mudanças de linguagem e estrutura textual. Com o passar do tempo e avanços nas ferramentas, o jornalismo online começou a desenvolver narrativas específicas para a internet e produzir conteúdos mais complexos e convergentes, como os *slideshows*, o *parallax scrolling*, as narrativas em *long-form*, além de infográficos, enquetes e narrativas não lineares.

Especificamente sobre o UOL, vimos que o Grupo Folha, criador do portal, foi pioneiro no jornalismo digital e inovador na implementação da multimídia no Brasil. Apesar de não ter referências no Brasil e ter se construído com base em experimentalismos, o UOL teve sucesso em seu processo de desenvolvimento no jornalismo online, e se tornou referência para outros veículos. Com a percepção da necessidade de um jornalismo inovador, o UOL criou o UOL TAB. O TAB nasceu em 2014 com o propósito de “oferecer uma experiência de conteúdo, com abordagens novas e formatos interativos” segundo o editor-chefe, Daniel Tozzi.

Pelos estudos analisados neste trabalho, compreendemos que o TAB consegue, por meio das linguagens possibilitadas pela tecnologia digital, produzir reportagens didáticas, oferecendo mais imersão nas narrativas ao leitor. Apesar de uma plataforma multimídia, tem o texto como elemento principal que dirige as produções. A linguagem textual é usada, principalmente, para disponibilizar ao leitor as informações iniciais e fundamentais. A plataforma também explora com frequência as narrativas não lineares que intensificam a interação do usuário com o conteúdo, pelo fato de o consumidor poder trilhar caminhos no texto de maneira espontânea. Mesmo tendo o texto como direcionador das reportagens, compreendemos que os recursos multimídia são abundantes no site, com vídeos, áudios, fotos, infográficos animados ou estáticos, animações e enquetes, entre outros. Elas trazem informações adicionais, mas em alguns casos são usados também como atrativos visuais ou interativos.

Pela pesquisa realizada, foi perceptível que o jornalismo tradicional precisa, ao se inspirar no TAB, se reconstruir diante das novas tecnologias oferecidas pela web, tanto por conta das ferramentas inovadoras que podem ser utilizadas na área quanto pela nova forma com que o público – principalmente os mais jovens – consome o conteúdo jornalístico. Por fim, é importante dizer que, apesar de haver dificuldades em encontrar artigos sobre a história da imprensa digital brasileira em geral, foram encontrados muitos materiais específicos de análises sobre o UOL TAB, o que foi interessante para entender a dimensão e importância da plataforma no jornalismo atual.

Referências

- BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. **Notícias e mobilidade**. o jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilhã: Labcom, 2013.
- FERREIRA I.; SILVA M. B. C. O jornalismo online no Brasil: as origens do Portal Universo Online (UOL). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 22., Uberaba, 2016. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Intercom, 2016.
- GALARÇA, S. L. S.; DEMARCHE, A. C. V. Jornalismo convergente: uma proposta analítica do UOL TAB. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.
- JENKINS, H. Introdução: “Venere no Altar da Convergência”. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LENZI, A. Multimídiação como valor-notícia de construção: a experiência do UOL TAB. **ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v.3 2016, n. 1, p. 159-174, jan./jul. 2016.
- LONGHI, R. R. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21 2014, n. 3, p. 897-917, set./dez. de 2014.
- MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese (Doutorado) - FACOM/UFBA, Salvador, mar. 2003.
- Portal UOL, História. Disponível em: < <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>> Acesso em: 24 out. 2023.
- STUMPF, I. Pesquisa bibliográfica. In. DUARTE, J; BARROS. A. (org.). **Metodologia e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.
- VENTURA, M.; ITO, L. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens TAB, do Uol. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 17 2016, n. 35, p. 121-134, set-dez 2016.
- WINQUES, K. Apuração e inovação: uma análise da série UOL TAB, do portal UOL. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 6., 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: UFMS, 2015.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

MARCELA AMORIM ALMEIDA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

O JORNALISMO INVESTIGATIVO DURANTE A DITADURA MILITAR

**CAMPINAS
2023**

Marcela Amorim Almeida

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

O JORNALISMO INVESTIGATIVO DURANTE A DITADURA MILITAR

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo da PUC - Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Dra. Juliana Doretto.

PUC-CAMPINAS

2023

INTRODUÇÃO

A ditadura militar foi um regime autoritário instaurado em 31 de março de 1964, a partir do afastamento do presidente João Goulart. O regime durou 21 anos (1964-1985) e instituiu a perseguição policial, principalmente política, aos seus opositores, de acordo com Marcos Napolitano (2014). Além disso, foi estabelecida uma forte censura à imprensa, que discutiremos nesta pesquisa.

Segundo Eduardo Reina (2019), o principal objetivo do jornalismo é reportar para as pessoas informações fundamentais para as suas vidas, para que elas tomem decisões, individuais e coletivas, em um governo democrático. Entretanto, isso só acontece se essa informação circular livremente, o que não ocorreu durante o período ditatorial.

Segundo o artigo “Censura e repressão no regime militar: A imprensa silenciada e seus reflexos na sociedade”, de Andréa Nunes Ambrosio e Adriana Sartório Ricco (2011), durante a ditadura, o governo controlava todos os meios de comunicação; sendo assim, autorizava somente a veiculação de informações que eram a favor do regime. Portanto as notícias que circulavam, muitas vezes, não retratavam o processo que o jornalista gostaria de apresentar, pois a censura o proibia de fazê-lo, e não mostravam exatamente o que estava acontecendo.

A imprensa e classe artística usavam sua criatividade para criar subterfúgios que pudessem driblar a censura e alertar a população. Por exemplo, várias vezes a Folha de São Paulo publicava receitas culinárias, incompletas ou impossíveis, na capa do jornal, no lugar de matérias censuradas (Ambrosio; Ricco, 2011, p. 99).

Nesse sentido, chama a atenção o caso do jornalismo investigativo, que tem o objetivo de reconstruir acontecimentos importantes, expor injustiças, desmascarar fraudes e divulgar ações que o Estado esconde da população (Lopes, 2003; apud Fortes, 2005). Podemos dizer que o jornalismo investigativo exige grande tempo na apuração das informações, segundo Leonel Azevedo de Aguiar (2006), e não se restringe somente a temas políticos, mas está presente em todas as editorias do jornal, com o objetivo de divulgar informação sobre os fatos que são de interesse público e que verdadeiramente afetam a sociedade.

Ou seja, o investigativo é uma vertente do jornalismo que busca aquilo que é evidente, e que, por isso, cumpre a função social da profissão com

maestria e profundidade. A censura, porém, afeta diretamente a sua função de revelar o que não está sendo mostrado para a população, e descobrir irregularidades.

Por isso, nesta pesquisa, o objetivo é compreender o papel do jornalismo investigativo durante o período da ditadura militar. Para isso, primeiramente, abordamos a censura durante o período da ditadura militar e, em seguida, debatemos sobre as características do jornalismo investigativo no Brasil.

METODOLOGIA

Antônio Carlos Gil (1997), em seu livro “Como elaborar projetos de pesquisa”, define a pesquisa como “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar as respostas aos problemas que são propostos” (Gil, 1997, p. 17), destacando a necessidade de o pesquisador empregar “métodos, técnicas e outros procedimentos científicos” (Gil, 1987, p. 17). Além disso, ele diz que é crucial, para o desenvolvimento de um projeto científico, realizá-lo de “maneira clara e minuciosa”, mesmo não havendo regras claras para serem seguidas.

Já Elisabete Matallo Marchesini de Pádua, em “Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática” (2019), diz que, embora a abordagem instrumental da pesquisa seja crucial, ela não deve ser conduzida de maneira acrítica e simplista. É importante o pesquisador compreender o processo como um campo “histórico, complexo e repleto de contradições” (Pádua, 2019, p. 33). Dessa forma, apesar das diferentes perspectivas sobre o caráter pragmático da pesquisa, tanto Gil como Pádua reconhecem a importância da construção de um projeto crítico, teorizado e detalhado.

De volta a Gil (1987), o autor diz que a parte mais importante da construção do processo científico é a pesquisa bibliográfica, ressaltando que ela articula autores que fazem diferentes análises sobre o mesmo assunto, com diversas abordagens. Em seu texto, o autor categoriza as fontes bibliográficas, base desse método, em livros, impressos diversos e periódicos. Ele destaca, ainda, que a pesquisa bibliográfica oferece ao estudante a capacidade de abranger fatos de maneira mais prática e ampla do que seria viável por meio, por exemplo, de uma simples observação. “Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 1987, p. 45).

Por fim, para a elaboração deste trabalho, buscamos pela plataforma Google Acadêmico referências de estudos, a fim de ampliar o repertório, com análises de outros pesquisadores, conforme, já dissemos, pede a metodologia da revisão bibliográfica. As palavras-chave utilizadas foram: “jornalismo investigativo na ditadura”, “ditadura militar e investigação”, “jornalismo investigativo e a censura”, e “papel do jornalismo investigativo”, entre outros.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ditadura militar e a censura

Em 31 de março de 1964, civis e militares se reuniram para derrubar o presidente João Goulart, iniciando assim o regime militar no Brasil. O período foi marcado por 17 Atos Institucionais, decretos de força constitucional surgidos nos primeiros anos do governo de Castelo Branco com a função de garantir a institucionalização e a legitimidade da ditadura militar. Com isso, o governo, gradativamente, anulou o direito à liberdade, punindo aqueles que não seguissem as diretrizes governamentais dos chefes militares.

Em 13 de dezembro de 1968, durante o governo de Costa e Silva, foi baixado o Ato Institucional de número 5, mais conhecido como AI-5, que ficou marcado como o mais rígido dos 17 atos. Segundo Beatriz Kushnir (2004), foi a partir do AI-5 que a censura dos meios de comunicação e a tortura física e psicológica, empregada contra os opositores políticos do regime, tornaram-se mais comuns durante a Ditadura Militar.

A censura se configura , pois, como um ato violento, explícito mas também insidioso, a demonstração cabal do reconhecimento da força das ideias do inimigo, o recuo para um lugar onde o debate e o conflito de opiniões cedem suas posições à violência (Kushnir, 2004, p. 11).

Ou seja, a liberdade de expressão passou a ser intensamente combatida pelo Estado. A imprensa foi perseguida pelos militares, fazendo com que a atividade jornalística fosse enfraquecida no país. Somente os veículos favoráveis ao regime escapavam da censura interna, e as notícias veiculadas traziam aspectos positivos do regime, evitando abordar os problemas enfrentados durante o governo, de acordo com Andréa Nunes Ambrosio e Adriana Sartório Ricco (2011).

Carlos Fico (2002) descreve como os diretores de jornais eram instruídos

pelas autoridades militares a evitar determinados temas, recebendo uma lista diária desses tópicos proibidos. Como resultado, os jornalistas eram obrigados a produzir matérias que estivessem de acordo com as restrições impostas pela censura ou, com frequência, eram forçados a deixar de fora qualquer conteúdo relacionado aos temas proibidos.

Isso demonstra como o controle sobre a imprensa limitava a liberdade editorial e a capacidade de divulgar informações críticas, afetando o conteúdo disponibilizado ao público e evidenciando a influência do governo ou das autoridades militares na estruturação da narrativa jornalística.

Os jornalistas, porém, não ficaram calados: “A imprensa que era contra usava a criatividade para criar subterfúgios que pudessem driblar a censura e alertar a população” (Ambrosio, Ricco 2011, p. 99). Alguns jornais, como O Pasquim e Opinião, publicavam músicas e receitas no lugar das reportagens proibidas. Isso era um sinal para o público de que ali havia uma matéria censurada, porém sem dizer qual informação foi omitida.

Os programas ao vivo eram também afetados com a censura. O Fantástico, da Rede Globo, por exemplo, era censurado em partes, porque alguns quadros eram gravados; para as matérias ao vivo, os militares iam até as emissoras e ficavam em cabines, com fones que os conectavam diretamente com os editores do programa, para que pudessem determinar à diretoria da TV o que deveria ser retirado do ar ou modificado, de acordo com Fico (2002). Ainda assim a TV Globo tentou negociar essa censura com os militares, mas sem sucesso:

Abordando o assunto, em carta ao diretor da DCDP, o superintendente de produção e programação da emissora, J. B. de Oliveira Sobrinho, acatava a suspensão e pedia que a censura ao Fantástico fosse feita apenas previamente, sem a presença de um censor no local da transmissão, pedido que foi negado (Fico, 2002, p. 264).

Em meados de 1970, intensificaram-se os movimentos sociais anti-governo, que iam às ruas lutar pelo fim da ditadura militar. Após a criação da Lei da Anistia, em 1979, foi permitida a retomada de exilados políticos e a libertação de presos políticos. Em 1985 ocorreu a transição para a democracia, tendo fim o regime. “[A] sobrevivência de setores políticos e sociais contribuiu pesadamente para que o ciclo de governos militares se encerrasse na América do Sul” (Ambrosio, Ricco, 2011, p.105).

Jornalismo investigativo

De acordo com Leandro Fortes (2005) o jornalismo investigativo constitui uma vertente especializada da reportagem jornalística voltada para a investigação e divulgação de informações de relevância para a sociedade que se encontram encobertas. Seu propósito principal é desvendar e tornar públicos casos de fraude, abuso de poder, corrupção ou conduta criminosa. Esse gênero jornalístico requer a coleta de provas, pesquisa aprofundada, extensas entrevistas e análise crítica, com o intuito de revelar informações que, de outra forma, permaneceram desconhecidas pelo público em geral.

As reportagens produzidas pelo jornalismo investigativo, em sua maioria, segundo Anna Liza Precht (2013), têm temas que impactam socialmente, visando atender ao interesse do público em geral, e que, de algum modo, possibilitem mudanças positivas para a sociedade. Essas produções têm ainda ganhando destaque cada vez mais no cenário jornalístico:

É possível, por exemplo, perceber um aumento considerável no número de reportagens investigativas veiculadas, nos últimos anos, em nosso país. Emissoras de televisão e de rádio, jornais impressos, sites da internet, em geral, valorizam este segmento e apostam nele como forma de se diferenciar da concorrência, publicando matérias exclusivas (Precht, 2013, p. 11).

Ainda segundo a autora, o jornalismo investigativo é criticado por alguns jornalistas do *hard news*, pois eles alegam que todo jornalista, de qualquer área, deve ser investigativo. Porém, os jornalistas investigativos explicam que a diferença para o jornalismo diário está na experiência e na prática que os profissionais exercem, realizando uma investigação mais profunda e crítica sobre a sociedade e os fatos, atraindo a curiosidade do público, segundo Precht (2013).

De acordo com Seane Alves Melo (2016), o jornalismo investigativo também é confundido, em muitos casos, com o jornalismo policial. O jornalista do Jornal da Tarde, Antonio Carlos Fon (apud Merckx, 2003, p. 88), explica essa semelhança:

A confusão entre Jornalismo Investigativo e reportagem policial existe porque, até meados da década de 1960, o Jornalismo Investigativo no Brasil estava, com raras exceções, confinado à reportagem policial. Somente após 1978, com a absorção das técnicas dos serviços de informação,

é que o Jornalismo Investigativo se expandiu para as outras editorias.

O jornalismo policial tem como foco divulgar acontecimentos e crimes recentes, priorizando casos que aconteceram na última hora. As informações são frequentemente provenientes das autoridades policiais e, em muitos casos, as notícias adotam uma abordagem sensacionalista e superficial, com o objetivo de cativar a atenção do público por meio de histórias impactantes.

Em contrapartida, o jornalismo investigativo se destaca pela minuciosidade de sua apuração, buscando informações que não estavam prontamente disponíveis, desvendando fatos encobertos e outras irregularidades, como a corrupção. Além disso, a realização do jornalismo investigativo demanda um extenso período de investigação e seu foco principal reside em proporcionar ao público uma compreensão mais profunda e contextualizada dos problemas, com a intenção de instigar mudanças na sociedade.

Ainda sobre as funções do jornalismo investigativo, conforme apontado por Eduardo Reina (2019), a ele pertence a missão de indagar sobre eventos que não tenham sido divulgados pelos meios de comunicação, seja por não se tratar de uma notícia em voga no momento, ou que, por diversas razões, acabaram caindo no esquecimento, muitas vezes por se acreditar que o tema já havia sido exaustivamente abordado.

Conclui-se que, um dos princípios do jornalismo investigativo é retomar a memória de fatos importantes que precisam ser solucionados ou vieram à tona novamente, pois, segundo Reina (2019), as melhores notícias estão, quase sempre, escondidas.

Jornalismo investigativo durante a ditadura militar

Neste tópico, busca-se compreender a importância que o jornalismo investigativo teve durante o período da ditadura militar (1964-1985), por meio de trabalhos acadêmicos que se dedicaram a isso. Para isso, observamos o que dizem Cândida de Oliveira, Criselli Montipó e Magali Moser, no artigo “Mulheres jornalistas e Ditadura Civil-Militar no Brasil: debates de gênero e narrativas de resistência no jornalismo investigativo” (2019).

As autoras estudaram 22 livros-reportagens, que foram publicados entre 1986 e 2018, a fim de analisar as contribuições sociais de jornalistas

investigativas sobre o período da Ditadura Militar (1964-1985). Ao fazer esse movimento, as autoras traçam uma revisão bibliográfica sobre essa prática jornalística durante o período do regime autoritário, e são esses dados que trazemos aqui.

O estudo destacou algumas reportagens realizadas na época por mulheres, como "A casa dos horrores" e "A torturada fala com o médico da tortura", publicadas na revista IstoÉ em 1981. Essas matérias denunciaram a existência de uma casa clandestina de tortura mantida pelo Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), e os casos de brutalidade ocorridos ali durante a ditadura militar. As duas narrativas ganharam o Prêmio Vladimir Herzog daquele ano. A jornalista que escreveu as reportagens, Lúcia Romeu (em coautoria com Carlos Fon), relatou que para publicá-las, teve que aguardar dez anos, por causa das ameaças que sofreu. Sua irmã, Inês Etienne Romeu foi brutalmente torturada e estuprada na casa clandestina em 1971.

Além disso, o texto mostra que, das 20 matérias que receberam premiações na modalidade jornalismo investigativo no prêmio Esso durante o período militar, somente em 1983 jornalistas mulheres participaram da equipe responsável. Trata-se da reportagem "O caso Baumgarten" publicada em Veja em 1983, abordando a morte do jornalista Alexandre VonBaumgarten, que denunciou a corrupção na Ditadura Militar.

No contexto da resistência ao regime, o texto destaca ainda participação ativa de veículos e movimentos feministas, como os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio, que buscavam promover as demandas das mulheres pela cidadania feminina e transformações políticas. As autoras ressaltam a importância da imprensa feminista na luta contra a ditadura, enfrentando não apenas as adversidades políticas, mas também o machismo, autoritarismo e práticas de violência.

Nas situações de tensão, como na luta em favor da democracia durante as ditaduras na América Latina, as mulheres assumiram papel de protagonismo, embora as narrativas predominantes geralmente as invisibilizem. Elas desafiaram a domesticidade imposta pelos discursos ditatoriais e enfrentaram o machismo, o autoritarismo e práticas de violência, tortura e violações contra os próprios corpos. (Oliveira; Montipó; Moser, 2019, p. 15).

Já o autor Francisco Macedo conduziu seu estudo analisando

reportagens produzidas durante o regime militar. O principal objetivo de seu trabalho foi localizar e analisar as reportagens vencedoras das 20 edições do Prêmio Esso de Jornalismo, entre 1964 e 1984. Ele explica que, ao contrário do que uma análise simplista poderia sugerir, levando em conta apenas a censura que marcou o período autoritário, a maioria das reportagens premiadas tratou de denúncias com uma ênfase significativa na área política. Além disso, houve uma considerável atenção por parte dos jornalistas investigativos para revelar irregularidades na área social.

Macedo explica que, durante o regime militar, os jornais se destacaram mais do que as revistas na publicação de reportagens investigativas, uma tendência que se alteraria nas décadas seguintes. Os dados coletados a partir dos vencedores do Prêmio Esso confirmam a relevância das publicações como o Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, e O Estado de S. Paulo, que enfrentaram a ditadura em suas páginas.

As conclusões também dão respaldo científico a uma avaliação de estudiosos: durante o regime militar, os jornais se sobressaíram mais que as revistas na publicação de reportagens investigativas, tendência que mudaria nas décadas posteriores. Da mesma forma, os dados colhidos a partir dos vencedores do Prêmio Esso também endossam opiniões a respeito do grande destaque das publicações Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, e O Estado de S. Paulo como veículos que enfrentaram a ditadura em suas páginas (Macedo, 2006, p. 14).

O autor destaca que algumas das reportagens premiadas foram baseadas em relatos de viagens feitas pelos repórteres vencedores. Por exemplo, a reportagem "Cem dias na Amazônia de ninguém" ilustra a categoria de "Relatos de Viagem," vencendo a primeira edição do Prêmio Esso após o golpe de 1964. Neste caso, o repórter Walter Firmo explorou a região amazônica e trouxe sua experiência ao Centro-Sul brasileiro, destacando a Amazônia esquecida.

Ele traz outros exemplos, como a reportagem de Carlos Chagas intitulada "113 dias de angústia, impedimento e morte de um presidente," publicada em O Globo, no ano de 1970, que ofereceu um relato detalhado dos últimos meses de vida e governo do presidente Costa e Silva, com base em registros diários do próprio jornalista, que na época era secretário de Imprensa da Presidência da República. A reportagem "A geração abandonada," de Luiz Fernando Emediato, explorou profundamente a vida de grupos de adolescentes usuários de drogas em São Paulo no início da década de 1980, incluindo a experiência do repórter,

que chegou a experimentar algumas drogas e a frequentar os locais onde esses jovens se encontravam.

Assim como Francisco Macedo, a autora Seane Alves Melo (2015) em sua revisão bibliográfica, explica, com base em Nascimento (2010), que os desafios decorrentes do regime militar não foram obstáculos que impediram a realização de matérias investigativas. Isso é evidenciado pelos trabalhos vencedores o Prêmio Esso, pela experiência da revista Realidade durante a ditadura e pela coletânea “10 reportagens que abalaram a ditadura” (2005), organizada por Fernando Molica.

A autora também observa que, ao final da ditadura militar, a imprensa estava limitada pela censura e pela repressão, sobrevivendo principalmente por iniciativas pontuais. Somente com a redemocratização, houve um aumento na investigação jornalística, à medida que os jornalistas passaram a se afastar do noticiário oficial.

Apesar desse cenário, remetendo a Sequeira (2005), Melo diz que o jornalismo investigativo sofre abalo com a expansão das assessorias de imprensa, tanto públicas quanto privadas, que passam a alimentar a produção jornalística com informações oficiais. Esse processo teve início também na década de 70.

Em síntese, vimos que o jornalismo investigativo teve dificuldades durante a ditadura militar, por causa da censura, mas os repórteres conseguiram driblar as restrições em algumas ocasiões, abordando inclusive temas políticos, mas não só. Isso mostra que essa prática jornalística, conseguiu, ainda que com limites, exercer seu papel social de denúncia de irregularidades e crimes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o papel do jornalismo investigativo durante o período da ditadura militar, não apenas com o desafio da censura que os militares impunham à imprensa, mas também com os riscos pela busca da verdade em um ambiente repressivo. Assim, a pesquisa buscou explorar a importância do jornalismo investigativo para a sociedade, principalmente no período autoritário, revelando acontecimento omitidos pelo governo e outras irregularidades do período.

Primeiramente, abordamos os impactos que a Ditadura Militar (1964-

1985) trouxe para o jornalismo de modo geral. A implantação do regime foi marcada por Atos Institucionais que restringiram progressivamente a liberdade, principalmente o AI-5, o qual intensificou a censura, a perseguição e a utilização da tortura como ferramenta de controle político. Assim, a imprensa, alvo central do regime, enfrentou perseguições, limitações editoriais e restrições temáticas impostas pelos militares.

Em relação ao jornalismo investigativo, compreendeu-se que o gênero desempenha um papel importante na sociedade ao expor a verdade, revelar informações ocultas e promover a transparência para a sociedade. Sua função é investigar e denunciar corrupção, abusos de poder, fraudes e outros crimes.

As pesquisas estudadas neste trabalho demonstram que, durante o regime, os jornalistas investigativos tinham o intuito de ir além das versões oficiais do regime. Os repórteres queriam confrontar diferentes pontos de vista para construir narrativas para ajudar a sociedade, revelando fatos escondidos. Como exemplo, podemos trazer a análise das reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo entre 1964 e 1984, que revela a ênfase das matérias na denúncia política e social, apesar das restrições do período autoritário. Destaca-se ainda a relevância dos jornais, como Jornal do Brasil e O Estado de S. Paulo, na publicação de reportagens investigativas que desafiavam o regime.

Vemos ainda que o jornalismo investigativo ganhou força logo após o período da ditadura militar. Isso se deve ao fato de que, durante os anos de repressão, os jornalistas se viam restritos pela censura e pela opressão. No entanto, percebe-se que ele continuou ativo durante o regime autoritário. Ainda que em minoria, os repórteres investigativos desafiavam o poder na época, revelando operações ilegais, corrupção, violência e repressão, que frequentemente eram abafadas pelas autoridades através da censura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, v. 7. Nº13, p. 73-84, dez., 2006.

AMBROSIO, A; RICO A. Censura e repressão no regime militar: a imprensa silenciada e seus reflexos na sociedade. **Destarte**, v. 1. nº 1, p. 98-107, out., 2011.

DALMUTH, C. **O Jornalismo Investigativo como ferramenta para a construção de memórias sobre Milton Soares de Castro**. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, jun., 2019.

FICO, C. "Prezada Censura": cartas ao regime militar. **Topoi**, v. 3. Nº 5, p. 251-286. Rio de Janeiro. 2002.

FIGUEIREDO, P; LOPES, G. Imprensa no Brasil: um estudo do assassinato de jornalistas na ditadura e no período democrático. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2020.

FORTES, L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo. Contexto, 2005.

GIL, A. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas S.A. 1997.

KUSHNIP, B. **Cães de guarda**: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

LOPES, D; PROENÇA, J. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MACEDO, F. **Jornalismo investigativo e grandes reportagens durante os 20 anos do regime militar**. Relatório - Programa de iniciação científica, Centro Universitário de Brasília, Brasília, ago. 2006.

MELO, S. Da grande reportagem ao escândalo político: os percursos do jornalismo investigativo no Brasil. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, dez., 2016.

MELO, S. **Discursos e práticas**: Um estudo do jornalismo investigativo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, 2015.

NAPOLITANO, M. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo, Contexto, 2014.

NAPOLITANO, M. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, ago. 2017

OLIVEIRA, C; MONTIPÓ, C; MOSER, M. Mulheres jornalistas e ditadura civil-militar no Brasil: debates de gênero e narrativas de resistências no jornalismo investigativo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 7-29, jun., 2019.

PRECHT, A. **Para conhecer o mundo além das notícias**: um breve estudo sobre o jornalismo investigativo no Brasil. Monografia (Conclusão de curso em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jun. 2013.

REINA, E. A prática do jornalismo investigativo na descoberta dos casos de sequestro de bebês e crianças durante a ditadura no Brasil (1964 – 1985).

Âncora, ano 23, n. 23, p. 33-51, jan. 2019.

REIS, D. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SOARES, G. Censura Durante o regime autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, 1989.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO

PAMELA VITÓRIA SANTOS BARBOSA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

CARACTERÍSTICAS DA REPORTAGEM LONGFORM
NO JORNALISMO ONLINE BRASILEIRO

CAMPINAS
2023

Pamela Vitória Santos Barbosa

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**CARACTERÍSTICAS DA REPORTAGEM LONGFORM
NO JORNALISMO ONLINE BRASILEIRO**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC- Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Dra. Juliana Doretto.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco o campo do jornalismo e se propõe a apontar as características do formato longform em grande reportagens multimidiáticas. A delimitação desse estudo surge a partir do interesse em compreender como os portais de notícias nacionais, ou seja, o jornalismo online, produz narrativas noticiosas em textos extensos.

Prática que surge com a internet, o jornalismo online utiliza recursos que a tecnologia oferece para a produção constante de notícias, com informações atualizadas. Assim, mantém as funções do jornalismo em outros formatos, mas com maneiras próprias de produção. Por exemplo, de acordo com o artigo “Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais”, de Suzana Barbosa (2001), a interação que é proposta pelo jornalismo online possibilita a interferência do leitor ao consumir a informação, uma vantagem para aproximá-lo da produção da notícia com uma participação ativa, opinando diretamente, ao enviar um “comentário” na página do notícia ou emitindo sua opinião nas redes sociais, por exemplo.

Alciane Baccin (2017) afirma que as publicações jornalísticas online têm investido também no chamado modelo longform, que estrutura grandes-reportagens, com textos longos, como diz o nome. O formato surgiu com o advento e proliferação dos dispositivos móveis. “É mais fácil pegar o tablet e sentar no sofá para ler a notícia do dia ou uma reportagem em formato longo, do que ir para frente do computador e acessar o site do jornal ou da revista para ler essa mesma notícia” (Baccin, 2017, p. 94).

Esses aparelhos estão cada dia mais presentes no cotidiano do leitor. Segundo pesquisa da Comscore (consultoria americana de análise de mídia) de 2022, entre os países latino-americanos, o Brasil é aquele onde a maior parcela da população digitalmente ativa acessa notícias online. De acordo com a análise, 96% dos usuários brasileiros consomem conteúdos jornalísticos em seus dispositivos. Com isso, o Brasil se mantém levemente à frente da média global, que é de 90%. A partir disso, é possível dizer que o longform pode ser uma viável maneira de construir uma relação próxima com o leitor.

Para Baccin, o longform é também é um modelo de produção que incentiva a contextualização das narrativas, já que é possível fazer comparativos entre passado e presente sem perder o foco da pauta, e longos depoimentos também

são recursos para essa narrativa. Ou seja, o jornalismo longform é uma ótima alternativa para quem busca um formato de notícias profundo, mas que pode ser acessado de maneira prática.

Nesse sentido, a presente pesquisa, como já dito, teve por objetivo analisar as características da reportagem longform no jornalismo online brasileiro. Para isso, o trabalho desenvolveu ainda a compreensão mais aprofundada sobre o jornalismo online e sobre grandes reportagens, por meio análises e estudos de autores sobre o tema.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, que permite uma abordagem ampla e aprofundada sobre o jornalismo longform e o seu papel social. Essa abordagem foi escolhida, pois permite explorar uma ampla gama de referências relacionadas ao tema.

Para Antonio Carlos Gil (1987, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Portanto, a pesquisa demanda muito do exercício intelectual, no sentido de localizar as fontes adequadas; por isso, é necessária uma boa preparação ou planejamento na procura dessas referências. Entre as fontes bibliográficas que podem ser consultadas estão livros, podendo ser de leitura corrente ou de referência, publicações periódicas, que nesse caso se enquadram jornais e revistas, e também demais impressos.

Segundo Gil (1987, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Para Ida Regina C. Stumpf (2011), na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, organizada por Antonio Barros e Jorge Duarte, a pesquisa bibliográfica é “o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o

assunto, até a apresentação de um texto sistematizado” (Stumpf, 2011, p.51). A autora explica que o objetivo da pesquisa bibliográfica é identificar informações e selecionar os documentos importantes sobre o tema, fazendo ainda anotações para consulta e posterior articulação dessas ideias.

Definidos o tema e os subtemas, o pesquisador está apto para realizar o levantamento bibliográfico, identificando na bibliografia disponível o material que irá lhe servir de suporte ao estudo pretendido. O produto desta identificação é uma lista, o mais completa possível, de documentos representativos para sua investigação. Para identificar o material pertinente, o aluno deverá consultar algumas fontes e anotar os dados de identificação de cada documento selecionado (Stumpf, 2011, p. 56).

Ao se referir a respeito da seleção das fontes, ela destaca três estratégias que podem ser viáveis para o pesquisador. A primeira é seguir sugestões e indicações do orientador, que muitas vezes conhece profundamente ou pesquisou sobre o tema do trabalho; por isso, é possível que ele tenha boas leituras para indicar a respeito.

Limitar-se a esta indicação pode ser, e certamente é, muito pouco. Espera-se que quem vá investigar um tema transcenda os saberes dos mestres e, através de sua própria busca, traga inovações e atualizações para a temática estudada (Stumpf, 2011, p. 56).

Consultar a lista de referências de trabalhos encontrados sobre o mesmo tema é a segunda estratégia. Neles, é possível encontrar as fontes que talvez colaborem também para o desenvolvimento da pesquisa. A última estratégia dela é frequentar apresentações que abordem o mesmo tema, como as que ocorrem em congressos acadêmicos. Além da constante atualização sobre o assunto, isso proporciona para o aluno novos pontos de vista, referências e uma compreensão maior da grandeza da pesquisa.

Dessa forma, é possível compreender que a presente pesquisa tem o intuito de não inserir dados coletados de maneira impulsiva no estudo, e sim fontes confiáveis, que têm credibilidade. É a partir da seleção das fontes bibliográficas consistentes que é possível estudar os temas propostos, ou seja, o que buscamos ao desenvolver essa pesquisa. Para a elaboração do presente projeto, seguimos as estratégias de Stumpf (2011). Foram lidos artigos, livros e outros textos sugeridos pela orientadora ou já utilizados em sala de aula, disponíveis na biblioteca online da universidade. Foram feitas ainda pesquisas na base de dados do Google Acadêmico, pelas palavras-chaves como “longform”, “jornalismo online”, “grande reportagem” e

“jornalismo online brasileiro”.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Jornalismo online

O jornalismo online, de acordo com Suzana Barbosa (2001, p. 2), é “uma das espécies emergentes do jornalismo, que, a partir da digitalização da informação com o uso das tecnologias telemáticas favoreceu a criação de novos formatos para a veiculação de notícias no ambiente digital”. A abordagem da autora aponta que não há linearidade na estruturação da informação no jornalismo online. De modo mais claro, ela expressa que o leitor consegue escolher o caminho de navegação que desejar: seja lendo a notícia no site, seja clicando em *links* que levam para outras reportagens ou redes sociais, ele escolhe o caminho digital que pretende seguir.

Trata-se da hipertextualidade, que é a possibilidade de disponibilizar a informação com hipertextos e hiperlinks, inseridos na matéria. Eles levam o leitor para outros conteúdos, que abordam a palavra destacada. Isso dá ao leitor maior chance de análise e de conhecimento sobre o assunto escolhido. Barbosa (2001) apresenta essa interatividade, que surgiu como algo inovador, como um dos principais elementos do jornalismo no espaço digital.

A interatividade, sendo o principal elemento do ambiente online, está relacionada com a própria interação entre os conteúdos (um texto pode trazer links para reportagens anteriores, por exemplo), além das possibilidades de interferência do leitor – o consumidor da notícia – nos conteúdos acessados (Barbosa, 2001, p.5).

Além disso, a autora expõe outras características, como a customização e a personalização e a multimodalidade, que em conjunto constroem o jornalismo online. A customização, por exemplo, é a possibilidade de selecionar o tipo de informação a que se deseja ter acesso; é um produto jornalístico ajustado às suas necessidades de informação. A personalização do conteúdo diz respeito ao próprio recurso do site de atualização constante de conteúdo e notícias de acordo com a preferência desejada. São publicações eletrônicas que podem ser atualizadas várias vezes ao dia, como uma “piscina” de novas notícias que não transborda, mas que está sempre cheia de conteúdos. Por fim, a multimodalidade é determinada pela junção de formatos de mídias tradicionais – texto, imagem, áudio – em um único suporte (BARBOSA, 2001, p.5).

Renato Lima (2006) explica que a Internet facilitou a produção de notícias, com a possibilidade de agilidade na apuração, atualizações em tempo real, interação com o leitor, uso de recursos audiovisuais no texto e velocidade para disponibilizar a informação. O ritmo acelerado de disponibilização de conteúdos proposto do jornalismo online se adequa às possibilidades de consumo de informação trazidas pela internet, o que resulta em disponibilidade de notícias muito maior para o leitor. Bill Kovach e Tom Resenstiel, (2003) apontam que o crescimento da Internet não é algo negativo para o jornalismo, e que agora, devido a recursos que promoveram mais acesso à informação, como computadores e celulares, o leitor pode decidir o conteúdo que ele quer consumir, com mais poder de escolha para o público.

Assim, não podemos negar que jornalismo online abriu um leque de opções de notícias para o leitor, que pode escolher consumir o que quer, de acordo com a sua preferência, mas essas opções vêm em conjunto com um receio apontado Renato Martins de Lima (2006), em seu artigo “A qualidade da informação do jornalismo online”: a rapidez de produção da informações pode ocasionar notícias não apuradas de maneira adequada, com falta de fontes, o que proporciona uma falta de confiança no texto produzido. Segundo ele, os problemas encontrados nesse tipo de produção são: “dificuldade da execução de princípios básicos do jornalismo como a apuração in-loco, a captação de informações por meio da comunicação não verbal, observação direta e a limitação o olhar jornalístico fora das redações, onde a notícia está” (LIMA, 2006, p. 3).

Ele destaca ainda que a qualidade técnica do portal de notícias também é importante, já que isso diz muito a respeito do cuidado do veículo com o leitor. Por isso o site deve funcionar da melhor maneira, sem causar problemas no percurso da informação que chega ao público.

Dessa forma, a qualidade do site de notícias depende também de questões técnicas para que o veículo seja democrático e eclético, sendo acessado de maneira fácil e eficiente. Qualquer fato seja técnico, tecnológico, real ou virtual, no site de notícia que dificulte a informação chegar até o receptor, é, também, um problema de qualidade (Lima, 2006, p. 5).

Para solucionar isso, o autor sugere que, além do cuidado com a qualidade da notícia e sua estrutura técnica, o que é essencial no bom jornalismo, é preciso também ouvir o leitor e, a partir de suas impressões, entender como melhorar possíveis falhas (Lima, 2010, p. 3).

A grande reportagem

De acordo com o texto “O ensino da linguagem oral: para uma modelização do gênero jornalístico ‘grande reportagem’” de Juliana Zani (2013), o gênero jornalístico grande reportagem consiste na composição de uma narrativa, com uma série de informações sobre um acontecimento em particular, da atualidade, ou a um fenômeno da sociedade, tratando os assuntos em profundidade e de vários pontos de vista.

Juliana Zani (2013) destaca apenas como característica principal desse gênero jornalístico o aprofundamento no tema proposto. Isso se deve a uma grande dedicação do repórter durante sua apuração, o que leva a uma reportagem mais longa, e completa.

É evidente que a duração de uma grande reportagem é mais longa que as demais matérias que fazem parte da informação diária dos telejornais. A preparação de uma grande reportagem exige um minucioso trabalho de investigação, que inclui visitas prévias ao local, marcações antecipadas de encontros e coleta de informações que possam servir de background (Zani, 2013, p. 71).

No texto “Jornalismo e subjetividade: a poética da grande reportagem”, Renato Essenfelder (2017) mostra a grande reportagem jornalística como um dos gêneros mais nobres do campo. Ao analisar uma grande reportagem sobre a maior tragédia ambiental do Brasil, que foi o rompimento de uma barragem na cidade de Mariana (MG), em 2015, que causou 19 mortes e um grande impacto na natureza, o autor mostra como esse gênero jornalístico explora mais os acontecimentos e se importa em detalhar os fatos e as histórias dos personagens envolvidos, porque são informações considerados importantes e que fazem diferença nas narrativas de reportagens como essa, que retratam o drama de uma tragédia. Algo que no jornalismo factual, estruturado pelo lide, não acontece: apesar de transmitir a informação de forma clara e direta, não se consegue a aproximação com o leitor que a grande reportagem proporciona.

A grande reportagem pode estar em vários formatos, como o televisivo, impresso ou online. O texto que foi analisado por Renato Essenfelder (2017) está estruturado na linguagem digital, possibilitando entrarmos no campo da grande reportagem multimídia. Segundo Kérley Winques (2016), a grande reportagem

multimídia é uma evolução daquela que vinha sendo apresentada no jornal impresso. O gênero ganhou mais elementos em sua estrutura, como fotos, infográficos, vídeos, sons e links, que, juntos, em uma produção para portais, blogs ou plataformas digitais, resultam em uma forma de contar a história com densidade, de forma ampla.

Em seu artigo “A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no Ciberjornalismo”, Raquel Longhi (2015) fala sobre a narrativa da grande reportagem e a sua convergência de formatos midiáticos como formas de expressão, o que, segundo ela, possibilitou um amadurecimento da linguagem nesse meio. Ela ainda fala sobre as transformações da internet nos anos 2000, que ocasionou em mais alternativas de inserção de materiais multimídia no jornalismo online, que foi um marco para esse tipo de produção. “A configuração de um modelo, ou paradigma, pode se dar por estratégias de forma, na maior parte das vezes, devido aos softwares e ferramentas utilizados na produção. Este é o caso dos especiais multimídia e da grande reportagem multimídia” (Longhi, 2015, p. 7).

Para Longhi (2015), a narrativa da grande reportagem no ciberjornalismo sofreu alterações com o tempo tanto no sentido de expressão de ideias quanto de interação e contato com o leitor. A autora traça uma linha do tempo: quando não havia praticamente o uso de recursos multimídia, ela denomina como “Grau Zero”, período que foi de 1995 a 1998; no “Grau Um”, de 1999 a 2000, há apenas uma pequena exploração dessas diversas linguagens; o “Grau Dois” surgiu a partir do aparecimento dos primeiros especiais multimídia, que se iniciaram em 2002 e foram até 2004; o “Grau Três” caracteriza-se pela consolidação desses formatos, indo de 2005 até 2009; já o “Grau 4” é a tendência do web design que surge em 2011 e segue até a atualidade, representada pela consolidação da grande reportagem multimídia, definida por técnicas como o “parallax scrolling”, que é quando o plano de fundo do site se move em um ritmo mais lento do que o primeiro plano em que está sendo feita a leitura.

Em resumo: gênero com uma narrativa muito mais aprofundada e elaborada, a grande reportagem demanda tempo maior de produção e busca assuntos de relevância social. Ela pode utilizar recursos narrativos em diálogo com a literatura, para despertar o interesse do leitor. Por meio desse recurso, ela permite ainda o protagonismo dos personagens envolvidos na trama contada, com inserção de diálogos, afastando-se do tratamento padrão dos fatos pelo jornalismo informativo. Por fim, os recursos tecnológicos possibilitaram que ela saísse do impresso e

permeasse outros espaços de distribuição de informação, como televisão, redes sociais, portais de notícias, entre outros.

3.3 Jornalismo longform

Neste tópico, busca-se analisar as características da reportagem longform no jornalismo online brasileiro. Para isso, debateremos inicialmente o artigo de Raquel Ritter Longhi e Kérley Winques (2015), intitulado “O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo”. O objetivo do trabalho foi problematizar o jornalismo longform, definindo o “estado da arte” desse fenômeno e problematizando seu consumo. Sendo um estudo exploratório, a metodologia utilizada foi, além de revisão bibliográfica, entrevistas com editores do jornal online Folha de S.Paulo e do portal UOL.

O termo longform, segundo Longhi e Winques (2015), não é exclusivo do ambiente online e digital de informação e comunicação. Porém, seu conceito foi revisitado na comunicação digital, especialmente no jornalismo online. Numa definição mais completa, ele diz respeito a: “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (LONGHI, WINQUES, 2015, p. 112).

As autoras estudaram o modelo longform e como ele tem se destacado com maior frequência nas grandes reportagens multimídia, em certos portais. Elas comparam as narrativas de dimensões verticais com as horizontais, ambas encontradas no longform. Para mostrar os dois modelos, as autoras analisaram as publicações do UOL TAB, do portal UOL, no qual as publicações estão em formato vertical, e para leitura horizontal foi apresentado o exemplo de “A batalha de Belo Monte” da Folha de S.Paulo.

Sobre a leitura vertical, Longhi e Winques constataram que ela pode indicar menos “interação” com o conteúdo, porque conta com a opção de rolagem da página, em vez de botões dados por um menu. Já no modelo horizontal, grandes reportagens são divididas em tópicos ou capítulos, por exemplo.

O segundo modelo, horizontal, é encontrado em grandes reportagens divididas em capítulos ou seções. Ao abrir a página o leitor pode clicar no menu, onde escolhe entre acessar as diferentes partes da reportagem, seja de forma linear ou não linear (LONGHI, WINQUES, 2015, p. 122).

As autoras afirmam ainda que a narrativa verticalizada se destaca no cenário

online brasileiro, sendo utilizada com maior frequência. As autoras compreendem também que essa narrativa pode, num primeiro momento, provocar menos interatividade. Porém, outros recursos inseridos no longform, como elementos multimídia, que são muito presentes nesse formato e que necessitam que o leitor clique, como slideshows, áudios e vídeos, ocasionam em uma maior possibilidades de interação com o leitor.

Partindo desse princípio, no texto “A narrativa longform no jornalismo brasileiro”, Carvalho Junior e Marques (2020) destacam a humanização presente nessas produções algo importante, já que deixa evidentes as diferenças do formato do jornalismo digital tradicional para a narrativa longform. Os autores destacam ainda que o texto jornalístico padrão segue o modelo da pirâmide invertida e informa de maneira objetiva, enquanto o do jornalismo literário não obedece à essa estrutura. Ele detalha e aprofunda as informações, com o objetivo de tornar a história mais atraente para o leitor, que pretende entender mais a respeito do assunto tratado. Devido a essa complexidade, a narrativa literária tem sido adotada no longform, ainda que nem toda reportagem escrita dessa forma siga essa vertente (JUNIOR; MARQUES, 2020, p.10).

Os autores selecionaram seis reportagens de cinco veículos de comunicação do Brasil para análise, publicadas entre os anos de 2014 e 2020. São elas: “Sozinhas” e “As quatro estações de Iracema e Dirceu”, publicadas no jornal e site do Diário Catarinense; “Os invisíveis”, produzida e publicada no R7 Estúdio; “Os médicos estão doentes”, do UOL TAB; “A batalha de Belo Monte”, do jornal Folha de S. Paulo; e a reportagem “A redescoberta de Santos Dumont”, do jornal Estado de S. Paulo. As reportagens foram escolhidas devido ao seu alcance e visibilidade: Folha e Estado são muito conhecidos no país; o R7 e o UOL são dois dos principais portais de informação nacional; e o Diário Catarinense, de Santa Catarina, é um veículo regional que tem grande abrangência.

Em suas análises, o artigo afirma que as narrativas longform buscam se aproveitar da multimídia proporcionado pelo ambiente digital para tornar possível a criação de conteúdo aprofundado, que fuja da superficialidade que está muito presente no online, como vimos anteriormente. Essas características fazem com que elas estejam cada vez mais presentes nos grandes veículos online do país.

O trabalho de Alessandra de Falco (2021) estuda a união entre o longform e o jornalismo literário como forma de expressão desse gênero na web. A autora estuda

seis reportagens, que são: “A metástase”, “A mãe perfeita”, “A última Coca-Cola do Capitólio”, “A gente acolhe”, “A sobrevivente” e “Muita coisa! A pandemia e a saúde mental nas favelas”. Elas foram divulgadas entre março de 2019 e abril de 2021 no website da Revista Piauí.

O jornalismo literário no longform produz textos que representam articulações menos presas ao lide; por isso, não seguem os padrões de produção do texto jornalístico cotidiano. Para ela, o jornalismo literário tem o “lide cena”, cujo intuito é despertar interesse e surpreender no início da leitura, porém não é objetivo, ou seja, ele aguça a curiosidade, mas pode não ir direto ao tema principal do texto. Assim, Falco (2021) defende que os textos longform literários são traçados a partir de uma maneira mais subjetiva, investindo em relatos dos personagens e descrições, buscando criar identificação do leitor com a narrativa. Isso permite ao público de entender melhor sobre determinado problema, já que a linguagem utilizada também auxilia na leitura.

No jornalismo literário observa-se maior descrição e detalhamento de possibilidades enunciativas menos presas ao lide e à pirâmide invertida, ou seja, menos formatada nos padrões liberais de produção industrial da notícia. Enquanto que nas notícias factuais, o lide visa responder às seis perguntas: quem?, o quê?, quando?, onde?, como e por quê?, no lide cena – no passado denominado de nariz de cera pela crítica à prolixidade – a ideia é despertar a curiosidade, surpreender, sem necessariamente ir direto ao assunto, mas, de forma alguma, hoje, apenas floreando (Falco, 2021, p. 154).

Em suma, a reportagem longform, seja no formato vertical, seja no horizontal, está bastante presente nos veículos online. Além de ter uma extensa produção textual, com profundidade na apuração e no relato, o formato explora as possibilidades multimidiáticas, a fim de construir histórias atraentes. Além disso, a abordagem literária no longform, de acordo com Falco (2021), amplia as possibilidades expressivas, proporcionando maior identificação do leitor com a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apontar as características da grande reportagem multimídia que utiliza recursos do longform. Para isso, num primeiro momento, analisamos o jornalismo online brasileiro, que se mostra, a partir dos avanços tecnológicos, como uma boa oportunidade de aproximação das narrativas noticiosas com o leitor. Essa prática introduziu uma mudança de paradigma no

jornalismo ao oferecer uma abordagem interativa com o público. Além disso, a constante atualização das tecnologias da informação facilita a distribuição de notícias, de maneira que o consumo é feito em um formato cada vez mais dinâmico.

Em relação à grande reportagem, entendemos que ela tem como propósito investigar com maior profundidade certos aspectos do cotidiano, permitindo uma compreensão mais abrangente de questões complexas, que não são trabalhadas em textos menores e factuais. Partindo dessa questão, o longform acaba se tornando o modo mais explorado em apurações mais profundas no ambiente online, já que ele é caracterizado pela sua extensa produção textual e narrativa cativante.

O jornalismo longform pode usar ainda o jornalismo literário para a construção da narrativa. Essas técnicas literárias possibilitam o desenvolvimento do texto com caráter humano, que valorizam o personagem e a emoção da trama, tornando a reportagem mais envolvente para o leitor. A humanização é uma proposta que foge da objetividade, que guia a formulação do jornalismo factual, e parte para textos produzidos a partir de uma ideia mais subjetiva de informar.

A convergência multimidiática também enriquece a produção de textos no longform, com a utilização de diferentes linguagens na estrutura da reportagem. Isso pode aparecer com a leitura vertical (a mais utilizada no jornalismo brasileiro) ou horizontal da página, ou seja, com menus ou formatos de apenas uma página, mas em ambos os modelos têm-se reportagens mais detalhadas.

A partir disso, é possível concluir que a produção de uma grande reportagem no jornalismo online utilizando o formato longform proporciona uma busca aprofundada dos fatos. Trata-se então de um contraste, já que o ambiente online normalmente apresenta o ritmo acelerado da produção jornalística. Entretanto, é crucial a presença da grande reportagem também nesse ambiente, já que informações de qualidade resultam em uma população mais crítica e participativa socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, Alciane. A narrativa longform em reportagens hipermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan.-jun.2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320556902_A_narrativa_longform_em_reportagens_hipermidia?enrichId=rgreq-b48b748c4c6de729b3c195564b75f49c-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMyMDU1NjkwMjtBUzo1NTIzOTg4MTg5OTYyMjRAMTUwODcxMzU0OTU2NA%3D%3D&el=1_x_2&esc=publicationCoverPdf. Acesso em: 1 set. 2023.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...]** Campo Grande: UFBA, 2001.

ESSENFELDER, Renato. Jornalismo e subjetividade: a poética da grande reportagem. **Novos Olhares**, São Paulo, v.6, n. 1, 2017.

FALCO, Alessandra. A união entre o longform e o jornalismo literário. **Manuscrita**, São Paulo, n. 44, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JORGE, Thaís; PEREIRA, Fábio. Jornalismo on-line no Brasil: reflexões sobre perfil do profissional multimídia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, 2009.

JUNIOR, Rone; MARQUES, Fabrício. A narrativa longform no jornalismo brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO (JPJOR), 10., 2020, Rio Preto. **Anais [...]** Rio Preto: UNIRP, 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, Renato. A qualidade da informação do jornalismo on-line. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2010, p. 1-12. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lima-webjornalismo.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

LONGHI, Raquel Ritter. A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no Ciberjornalismo. In: SIMPÓSIO DE CIBERJORNALISMO, 6., Campo Grande, 2015. **Anais [...]** Campo Grande: UFMS, 2015.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n.3, 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Revista Brazilian Journalism Research**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 110–127, 2015.

PALACIOS, Marcos., MIELNICZUK, L., BARBOSA, Suzana., NARITA, S., RIBAS, Beatriz. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., Salvador. **Anais [...]** Salvador, 2002.

STUMPF, Ida R. C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2011.

WINQUES, Kérley. **Tem que ler até o fim?** O consumo da grande reportagem multimídia pelas gerações x, y e z nas multitelas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,

2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169201?show=full>. Acesso em: 12
set. 2023.

ZANI, Juliana. **O ensino da linguagem oral:** Para uma Modelização do Gênero Jornalístico “Grande Reportagem”. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2013.